L 30679

LATINO COELHO

TYPOS NACIONAES

Com um prefácio

de

JÚLIO DANTAS

2.ª EDIÇÃO

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA

125, Rua dos Retrozeiros — LISBOA

Lo
30679

ESCRITOS LITERÁRIOS E POLÍTICOS

DE

J. M. LATINO COELHO

Coligidos e publicados sob a direcção de Arlindo Varela

TYPOS NACIONAES

Tip. da Imprensa Portuguesa
112, Rua Formosa—Pôrto
MCMXIX

BIBLIOTECA NACIONAL.
Conservatória da Propriedade Literária.
LISBOA

J. M. LATINO COELHO

N.F. 22529

Typos Nacionaes

N.º 1

Com um prefácio

22 de Outubro de 1920

JÚLIO DANTAS

2.ª EDIÇÃO

R.P.L. 1780-A. B.C.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

EDITÔRES—SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

PREFÁCIO

A «Empresa Literária Fluminense» apresenta hoje a público o terceiro volume dos «Escriptos literários e políticos», de Latino Coelho: TYPOS NACIONAES. *Quem ler o prefácio admirável da «Oração da Coroa», dum corte literário severo e opulento, e folhear depois esta pequena série de caricaturas rápidas, traçadas com uma scintilação, uma vivacidade, uma graciosidade a que estava pouco habituada a literatura neo-romântica portuguesa, tem a medida justa de quanto podia e valia, nas suas múltiplas expressões, a prosa ondulante, colorida, adaptável, infinitamente maleável de Latino.*

A galeria dos tipos colhidos em flagrante pelo grande escritor, não é vasta; ela abrange, entretanto, algumas figuras da tipologia nacional, como o Gaiato, a Coquette, o Janota, o Carteiro, a Rendeira de Peniche; outras, que representam sínteses de costumes políticos, como o Pretendente, o Novelleiro, o Deputado; outras ainda, de menos amplitude típica, que não são outra coisa senão sátiras pessoais, como o Poeta de albuns, o Folhetinista pedante, etc.

Como o título dêste livro pode fazer supor que se trata dum mais largo estudo dos costumes populares portugueses, aprovei-

tarei o ensejo para desenvolver algumas considerações acêrca da sua iconografia.

* * *

Os «tipos das ruas» da Lisboa velha, tão vivos e tão característicos ainda há quarenta e há cinqüenta anos, expressão risonha e tradicional dos antigos costumes, dos antigos usos e do antigo espírito da cidade pombalina, desapareceram quási de todo, como sombras, na monotonia cosmopolita da cidade nova. O povo lisboeta vai perdendo, cada dia

que passa, o pouco que ainda lhe resta de pitoresco e de característico. O facto só pode ter uma significação agradável para quem, como Bergson, pensa que a desaparição dos «tipos» e a uniformidade das multidões é uma conseqüência do progresso das sociedades civilizadas. Há, porêm, quem assista com tristeza à crescente descaracterização do nosso povo e pretenda ver nela, com mais emoção do que espírito filosófico, um sintoma de desagregação do carácter nacional. Quanto a mim, limito-me a comentar, como artista e como etnógrafo, a morte das últimas reliquias de tradição e de pitoresco que, ainda na moci-

dade dos velhos que me leem, eram o sorriso, a côr, a fisionomia, a graça da antiga Lisboa apostólica dos Intendentes, dos Patriarcas e das procissões.

Desapareceram os tipos das ruas. Mas não se perdeu tudo, porque nos ficaram os elementos indispensáveis para os reconstituir. O tipo morreu; o documento ficou. Desde 1795 até aos nossos dias, como se a cada passo, durante um século inteiro, se previsse e temesse a desaparição da tipologia tradicional lisboeta, desenhadores, litógrafos, gravadores, aguarelistas pacientes, em grande parte estrangeiros, foram-na reproduzindo e fixando

nas suas formas mais caracteristicas, com uma devoção e um carinho que, ainda quando não vencem a nossa admiração, nem por isso deixam de ser credores do nosso reconhecimento.

A iconografia dos costumes portugueses do fim do século XVIII, principio do século XIX, é bastante vasta, e eu conheço amadores de estampas, duma paciência beneditina, que possuem tôdas as colecções publicadas, desde a série oferecida ao marquês de Tancos, em 1806, por Manuel Godinho, até às colecções de Macphail e de Joubert (1841-42); desde as gravuras de James

Murphy, as mais antigas de tôdas (1795), até às séries aguareladas com um tão vivo sentimento do pitoresco por William Bradford (1808), por Henri l'Evêque (1814), por Whittaker (1828), pelo reverendo Kinsey (1829),—sem esquecer os documentos recentes de Manuel de Macedo, de Roque Gameiro, de Alberto Sousa.

Folhear estas colecções é evocar a Lisboa dos nossos avós. Confesso que nunca o faço sem um vivo sentimento de ternura, quási de saudade,—dessa vaga e penetrante saudade, tôda intelectual, só conhecida daqueles que, à fôrça de reconstituir na imaginação e

no sonho as imagens e as coisas do passado, chegam a criar-se a ilusão de que as viram, de que as sentiram, de que as viveram. De resto, não é preciso ser muito velho para ter visto ainda alguns dêsses curiosos tipos das ruas alfacinhas, senão nas primitivas versões fixadas tão amorosamente na obra de l'Evêque, ao menos nas sobrevivências bastardas da Lisboa de 1868. Decerto alguns dos portugueses que me leem conheceram ainda, nas tardes doiradas do Rocio velho, os bolieiros das seges de aluguel de Lisboa, com a sua cabeça chamorra, o seu chapéu alto de pêlo de coelho, o seu chicote no sovaco, a sua

espora de latão num pé só; lembram-se dos pretos-caiadores, que faziam quartel-general no largo de S. Domingos; das mulheres de capote-e-lenço; dos chanfaneiros matinais, de alforjes mouriscos pojando hortaliças verdes e viçosas; do homem do briche da Covilhã, que corria as ruas, queimado do sol da montanha, com o seu chapeirão e o seu côvado; da preta-do-mexilhão, desnalgada, saracoteada, vivaz, garrindo o seu «aio, aio!» e as suas lençarias vermelhas; das vendedeiras de palitos e rocas; dos tojeiros broncos de Alcochete; das mulheres de Leiria, que apregoavam rosários de pinhões; dos archeiros; dos pretos de

S. Jorge; dos andadores das almas; dos aguadeiros do Pôrto, de capote e pescoceira de rendas, senhores de todos os nobres chafarizes da cidade; dos farricocos da tumba da Misericórdia; dos azeiteiros; das mulheres do alecrim; das risonhas saloias dos pãezinhos de Meleças, com os seus ceirões e as suas carapuças bicudas de veludo de côres, — e, se êsses remotos compatriotas não voltaram mais a Lisboa, como deve maguá-los agora a certeza de que tôdas estas figuras, tão tipicamente nacionais, tão retintamente lisboetas, se perderam, se descaracterizaram, se sumiram como sombras de fumo na névoa confusa do tempo!

E quando estas, que ainda são de ontem, já não existem, — onde irão as outras, as mais antigas, cheias ainda da vaga poeira de oiro do século XVIII, flor e graça das ruas da cidade velha, que tão bem se casavam com as rótulas verdes, com os ressaltos alpendrados, com os painéis de azulejo, com os oratórios carinhosos, com as betesgas estreitinhas da Lisboa de Pombal e de Pina Manique! Quem se recorda já dos josézinhos encarnados que fizeram o encanto da marquesa de Abrantes; dos mariolas de capote que coçavam os cunhais do Rocio; dos cegos das folhinhas, com os seus moços descalços; dos pobres-

-da-sanfona; das pretas calhandreiras que faziam os despejos da cidade; do gaiteiro e do tambor do peditório do Santíssimo; dos ílhavos da sardinha; dos malteses da alféloa; das regateiras das melancias de Setúbal, com a sua saia de saragoça e a sua verónica da Senhora do Pilar; dos louceiros de Molelos; dos remadores dos bergantins reais; das mulheres de biôco e mantéu, à moda do Pôrto; dos meninos-órfãos; dos segeiros do «Assembléa»; dos capuchos que mendigavam pelas ruas, de sandálias e alforje às costas, bebendo, abençoando, namorando, cantando? Tudo se desfez, tudo morreu, tudo passou. Hoje, a

população de Lisboa não tem pitoresco, nem fisionomia, nem carácter. Uma única excepção se mantém: o varino, — que, na intransigência duma raça áparte, conserva ainda, com a esbelteza fenicia do seu tipo, a tradição quási intacta dos seus costumes. Mas êsse mesmo não resistirá, — e o povo da antiga cidade pombalina, o povo tão caracteristico que Kinsey, e l'Evéque, e Whittaker pintaram, cheio de graça típica e de colorida expressão, será amanhã, apenas, uma multidão baça, igual, sombria, uniforme...

JÚLIO DANTAS.

O GAIATO

O Gaiato (*)

O gaiato, primeiro typo da serie que vamos estudar, é um ente repugnante pelos seus habitos, e até o seu nome sôa equivocamente aos ouvidos castos e delicados.

É, sem duvida. Mas o gaiato é um typo nacional, commum. O gaiato que vagueia, nas horas continuas da sua ociosidade, pelas ruas de Lisboa, contém muitas vezes em si o germen dos destinos da patria, e traz, nos farrapos com que se pavoneia ao sol ardente de

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

julho, ou á chuva copiosa de dezembro, o annuncio mysterioso das galas com que poderá ainda vir a pompear, se a fortuna lhe sorrir beneficente.

O gaiato hoje não é um ser que representa a degradação da especie humana no primeiro alvorecer da vida. Hoje é uma posição social, que serve como de ponto de partida para destinos gloriosos ou ignobeis, lucrativos ou miseraveis. Desde que a vida social desdenhou o cantinho domestico para se espanejar ao soalheiro, desde que a rua é o verdadeiro theatro onde a civilisação vae desfilando, entre os applausos e as pateadas de espectadores antagonistas, o gaiato que vive na rua, que respira, não dizemos já o ar livre, mas o ar *desenfreado* de Alfama, ou do Bairro Alto, tem grandes probabilidades de poder aggregar-se á procissão social, que se desenrola diante dos seus

olhos, e de insinuar-se commodamente n'um dos póros d'este grande corpo putrefacto, a que se chama a sociedade.

O gaiato é um ser privilegiado dentro da familia humana. Quasi que nasce livre. Quasi que veiu ao mundo já heroe e protagonista de cem dramas grandiosos. Affeito ás durezas da vida, experimentado a todas as intemperies, póde dizer que é o homem da natureza, livre como ella, ligeiro como o vento, sagaz como a raposa, bravo como o leão das selvas.

O gaiato realisa todos os dias, á nossa vista, o mytho de Achilles heroico, gastando a puericia pelos bosques, e robustecendo o corpo com o exercicio do arco, com medulla de leões, sob os auspicios do centauro Chiron. O gaiato é Achilles no meio de uma cidade populosa, enlameada, nas viellas estreitas e

infectas de um bairro escuso. Não come as medullas de leões, porque a civilisação, abrandando os costumes universaes, lhe dá por mesa lauta o chão inteiro da cidade, e por iguarias os sobejos de tenues refeições. Não tem bosques onde vaguear, mas todas as praças lhe servem de circo. O centauro que o vigia, é apenas algum municipal prosaico, ou algum cabo de segurança, que vem por vezes perturbar os graves officios em que o gaiato exerce fructuosamente a sua missão.

O gaiato é folhetinista por indole, por necessidade, raras vezes por distracção. Tem-se dito que o gaiato é ocioso. Falsidade. Raras vezes vereis o gaiato repousar-se indolente, e tomar os degraus de uma egreja, ou o recanto de um passeio de pedra, parodiando os ricos que trabalharam toda a vida para ter

um sophá voluptuoso, onde entregar-se ao prazer suino do somno oriental.

O gaiato é observador por instincto, e critico por habito. O gaiato nunca leu Horacio, e a satyra desponta-lhe nos labios quasi com as primeiras palavras que sólta, ainda gaguejadas, ao pôr os pés descalços sobre o basalto das ruas. O gaiato nunca viu as *Guêpes*, de Alphonse Karr, nem a *Revue de Paris*, de Eugène Guinot, e a sua critica é implacavel e perpetua. Apparece um ridiculo, e o gaiato saudou-o logo com o dicterio, com a zombaria, com a apupada estrondosa. Fertil em epigrammas, emprega a interjeição, e brada o *pum!* solemne e conciso a tudo o que na rua provoca justamente os folhetins verbaes da multidão. Se a interjeição é pouco, recorre á algazarra! Se a algazarra não basta, tem ainda, como soccorro extremo, o

projectil que as ruas offerecem copiosamente.

A critica toma no gaiato todas as fórmas. A velha presumida e ridicula póde contar com um epigramma, se encontra um gaiato idealista puro; póde ver em perspectiva um rasgão na saia, se tiver o infortunio de topar com um gaiato communista; ou preparar-se para ver entortar-se-lhe a pluma alabyrinthada do chapéo monstruoso ao choque de uma laranja podre, ou de uma folha de hortaliça, se deu com um d'estes gatunos, almas azougadas, e, por assim dizer, *byronicas*, que só comprehenderiam o phantastico de Manfredo, se fossem poetas, e que, sendo gaiatos, só entendem o sublime da pedrada, e o magestoso da gebada formal.

O gaiato ama o *charivari* sobre todas as coisas, e deleita-se, por conseguinte,

com a musica. A sua garganta, mais elastica que a do cantor mais victoriado, desata-se em melodias infernaes, ou em notas variadissimas de um assobio agudo e penetrante. O gaiato, que na vida social é um typo e um tirocinio, é no mundo musical um meio que a Providencia destinou a vulgarisar os cantos que devem tornar-se populares. O gaiato tem as suas relações com Rossini, e com Verdi, e—o que parece paradoxal e absurdo—é um ente indispensavel á mais grandiosa reputação lyrica. Rossini inventa; a orchestra executa e vulgarisa a musica para as classes escolhidas e privilegiadas, que teem accesso ao sanctuario da opera. As musicas marciaes e as philarmonicas caem de subito a prear sobre as mais bellas melodias, e os mais sentidos trechos do *maestro*. O gaiato com o ouvido attento, fol-

gando e saltando jubilosamente ao render das guardas, ou durante a revista dos batalhões, aprende, decora, e grita depois, pelas ruas e praças, as harmonias já abastardeadas pelo metallico *charivari* das bandas marciaes e das philarmonicas plebeias. O gaiato é uma especie de *Gratis* para a vulgarisação das musicas populares. A *Barcarola* irá á posteridade, porque os gaiatos a souberam comprehender, e a descantaram em córos estrepitosos, no seu incessante lidar de *flâneurs*. O *Beijo* existe na memoria, e na garganta do povo, porque o gaiato repetiu até á saciedade as monotonas inflexões d'aquella musica nacional.

Quantas vezes, ao sair do theatro, o janota, procurando em vão gargantear a polka da *Esmeralda*, ou a *cabaletta* mais singela, não ouve, com grande espanto seu, os sons, que procurava, sairem arre-

dondados e vibrantes da larynge do gatuno que lhe segura o alazão?

O gaiato é o tronco de posições sociaes honradas e rendosas. Ás vezes o gaiato interrompe a sua carreira para ir procurar o seu futuro na pelle retumbante de um tambor. Arrebata-se e espanta-se de admiração diante de algum galopim, que marcha, agaloado e flammante de atavios militares, batendo a cadencia do passo ordinario. Crê ouvir uma voz intima, que lhe segreda voluptuosamente ao ouvido os rufos doidejantes da alvorada, ou o toque melancolico de recolher. Crê-se inspirado, e como o genio italiano que bradava — *io sono pittore, anch'io* — vê as baquetas, cruzadas entre uma auréola, sorrirem-lhe como uma apparição sobrenatural. O gaiato julga-se feliz, sonha-se o Napoleão dos rufos, e não é mais do que

um talento perdido, uma vocação esterilisada para a sociedade.

O gaiato, porém, que comprehendeu profundamente a sua missão, e que se iniciou nos mysterios da fortuna social, não passa em claro na sua vida aventurosa um só dos capitulos que se entrelaçam de necessidade na epopeia gatunal. De simples *flâneur;* de jogador inerte da chapinha; de comparsa em funcções de realejo; de perseguidor de gebos e caturras, passará a cauteleiro, a distribuidor, a *groom* de seges de aluguel, e a mercador de senhas á porta de S. Carlos. Iniciado assim nos segredos dos algarismos, poderá, com um patrocinio feliz, ascender á honra de recebedor, e passar successivamente por todos os graus da escala official até ser governador civil e par do reino. Amestrado nas lettras pelo contacto dos jornaes,

redigirá o seu folhetim, e poderá aspirar á gloria de brilhar entre os redactores em chefe, figurando no frontispicio de algum jornal obscuro, destinado a fazer, por dinheiro, o eterno panegyrico de alguma eterna corista de S. Carlos. Iniciado nos mysterios da cocheira, enthusiasta por cavallos, amador apaixonado do *turf* portuguez, pela convivencia assidua com algum magro rocim, que lhe confia o janota á porta do Marrare, ou no Loreto, o gaiato virá a ser apontado como um optimo cavalleiro, e o destino que véla sobre as grandes vocações, influirá para que chegue, antes da virilidade, a addido de alguma legação, ou a esposo de alguma viuva millionaria.

Mas não vos persuadaes que é todo côr de rosa, e constellado de estrellas de oiro, o futuro do galopim. Malthus, e a sua escola economica, bem decidi-

ram que no banquete social não havia talher para todos os convidados. A sociedade é, de feito, como um avaro que, n'um momento de ostentação e bizarria, convidasse a um sarau toda a gente da visinhança, e cerrasse a porta no rosto a metade dos que trouxessem bilhete de convite.

Ha gaiatos que, sem vocação para a baqueta, não podem adquirir reputação militar, nem encaminhar-se, anchos e ufanos, ao generalato, ao titulo, ao pariato. Ha outros que, como um fructo verde e temporão, são colhidos, logo ao despontar da vida, e arrebatados na voragem dos *grooms*, para irem servir de agaloados *sganarellos* a algum elegante improvisado, ou para serem condemnados ao inglorio mister de conduzir as galochas de uma condessa velha e arruinada ao baile da Horta-sêcca. Para estes o futuro

resume-se todo n'uns galões de prata, que teem recolhido em si o cebo de vinte gerações de lacaios n'uma familia de barões arruinadissimos. O seu elysio todo é a trazeira carunchosa de uma sege monumental, cujas armarias só se retocam todos os annos; a sua esperança unica, o pagamento das soldadas, que os amos illustres teem sabido transformar milagrosamente em luvas e charutos.

Pois bem! Quando um gaiato não chega a barão, quando, passando por cauteleiro e cambista, não alcança immortalisar o seu nome n'um emprestimo ao governo, como abastado capitalista, quando, conquistando uma viuva rica, não herda os milhões e os catarrhos de um primeiro marido, quando de boleeiro do *semi-circulo* não passa a empresario de carroções, então o gaiato fica perpe-

tuamente á porta da estalagem social, como fica, na sua infancia, ás grades do theatro, colhendo as senhas dos aborrecidos, ou sopeando os ginetes cansados dos peraltas.

O gaiato, que nasceu debaixo d'este horoscopo funesto, que lhe nega todo o accesso social, ficará sendo gaiato toda a vida, e, com o apontar da virilidade, receberá, como galardão dos seus serviços, o diploma de *malandrino*.

O JANOTA

O Janota (*)

O que é o janota? Que dotes o caracterisam? Que linhas lhe servem de contorno? Que sello particular lhe imprimiu a natureza para que na vasta collecção dos animaes excentricos as turbas lhe ponham o dedo e brademconvencidas — é este?

Teem as aves a plumagem multicôr; as plantas o recortado das folhas, e o variegado das corollas, por que as aponta e distingue o olho experimentado do observador. Nas raças de cavallos, o sangue arabe revela-se no gra-

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

cioso das fórmas, na ligeireza e garbo dos movimentos, no arqueado das caudas, no ondular desleixado das crinas assetinadas; e o alazão disforme, ou o rocim mal-estreado não podem disputar-lhe o nome aristocratico.

Tudo tem definição na natureza e na sociedade. O janota, porém, recebeu da Providencia o dom inestimavel de escapar quasi á analyse, de ser incoercivel, illimitado, vago, vaporoso, crepuscular.

Fabio, que serve de annuncio vivo aos alfaiates de maior reputação, merecerá as honras de janota?

Ticio, que sabe os mysterios do charuto-regalia, e as confidencias mais intimas do *cognac;* Ticio, que tem as horas da sua vida suspensas á pendula do Marrare, realisará esse typo poetico que nós buscamos anciosos, sem no

achar, pelos enredados desvãos da sociedade?

Lycas, que tem, sobre o dorso de tisico bucephalo, tirado a planta de Lisboa, e fez ao certo a estatistica dos olhos arabes, das boccas avelludadas, dos braços idalios, e das cabeças raphaelescas de toda a população feminina da cidade, será porventura o feliz a quem tenhamos de coroar com os loiros de janota, se é com loiros que coroas d'este genero se hão de entretecer?

Eu, que pretendo esboçar a physionomia do janota, nem atino com o modêlo, nem sei a *pose* em que o hei de situar. Tenho corrido Lisboa atraz d'esta phenix da nova civilisação, e tenho visto esvair-se em fugitiva sombra, e em nebulosa idealidade o que já pensára ter pegado ao visco traiçoeiro da analyse. O janota escapa ao lapis do de-

senhador, como escapa, a marchas forçadas, á dama sentimental, que morre por transformál-o n'um marido, e como foge, simulando marchas de flanco, aos crédores, que, como um bando de abutres, se consolam, esvoaçando, em torno d'aquelles verdadeiros cadaveres embalsamados em *patchouli* e banha de urso.

O janota perdido no immenso oceano burguez da actualidade custa a desentranhar, como é custoso pescar um arenque ou um salmão, fóra da época das grandes migrações periodicas.

Concebia-se bem o janota de Luiz XIV, e de D. João V, o *roué* da regencia, e o peralta dos bons tempos de Tolentino. O janota tinha por districto a côrte, e era facil distinguil-o no meio d'aquelles primores aristocraticos de então. Mas hoje, que já não ha côrte, onde lhe poderemos fazer os nossos cumprimentos?

Desde que o janota degenerou, sumindo-se nos sorvedouros da burguezia, ou desde que a burguezia se tornou janota, desde que o balcão se consubstanciou com a *toilette,* com a frisa da opera, com o phaetonte pulando ao trote dos corceis hanoverianos, desde que os marquezes da regencia só se dignam de apparecer á noite n'algum mau theatro, trazidos pela mão do zombeteiro Scribe, desde que o côvado pesado, aferido escrupulosamente pelos padrões do municipio, cedeu o seu logar á bengala cinzelada do *leão,* a anarchia entrou no reino dos janotas; o typo escureceu-se, abastardeou-se, e, perdendo o colorido proprio, ensopou-se nas côres baças da vulgaridade plebeia.

Assim mesmo corrompido e bastardo, eu estou vendo d'aqui um homem que não duvidaria pôr em si a taboleta

de janota, e apontar orgulhosamente para ella, bradando — *sou eu.*

Este janota, que eu imagino, levanta-se ordinariamente á uma hora. Este regimen, que os medicos certamente hão de reprovar, os que não forem tambem *leões,* que já os ha de lanceta e de *recipe* —bemdito Deus!—, este regimen, digo, tem por si algumas razões, que eu não direi concludentes, mas que por certo teem valor bastante para estenderem no leito os verdadeiros *fashionables.* O janota espera que o sol se dependure no mais alto cocuruto, para se entregar ao afan e ás lidas do dia. O sol, a luz, o dia — o que teem que ver com elle, que aspirou na vespera as emanações divinas do baile, ao esplendor inebriante de mil luzeiros artificiaes?

O janota — pelo menos este que eu estou vendo — aborrece a meditação e

o pensamento. Se se podesse guiar um *tilbury* sem pensar — ao menos como pensam os cocheiros —; se fosse factivel assignar uma lettra, uma d'estas que salvam n'um apêrto, sem ao menos pensar no dinheiro agorentado que por ella se merca, o janota resolveria metade do problema da vida aristocratica que elle sonhou. Mas, ó fatalidade! é preciso pensar, ao menos quando se joga um lance decisivo, pensar ao menos como pensam os banqueiros, como pensam os *escroqueurs*, como pensam os tendeiros que furtam ao peso, e como pensam os ministros de estado, quando discutem o orçamento. Ora isto sempre é pensar, e o janota por este lado ainda merece — Deus sabe com que mágoa sua — o nome honroso de animal racional.

A vida do janota deve ser toda mo-

vediça, agitada, doidejante, essencialmente activa. D'onde se segue — o que parece um paradoxo á primeira vista — que o janota deve dormir somnos longos e profundos, e esconder, como um astro no occaso, metade da sua vida por entre as cortinas cerradas do seu leito.

Salvo sempre o caso de sonhar, e estes sonhos são sempre verdadeiros pesadelos. Ora são os crédores que desfilam taciturnos e ameaçadores como as figuras sinistras e brutescas da *dança dos mortos*. Ora imagina ver uma dançarina velha — a mais velha e feia de todas — dirigir-lhe a apostrophe eloquente de uma nova Lucrecia. Ora é o ginete, havido a trôco de heroicos sacrificios, a ultima esperança de uma conquista rebelde, o penhor da fidelidade de uma mulher que está nas praias, ou toma

ares na Porcalhota, é o ginete que apparece em sonhos, cedendo aos ataques acerbos de uma pulmoeira pertinaz.

O nosso janota está de pé. Largos pantufos elegantes lhe resguardam os delicados pés. Ondeante e matizada *robe-de-chambre* fluctua airosamente ao seu compassado e quasi languido mover-se. O janota lê alguma coisa para passar este fastio das primeiras horas do dia. O *Monte-Christo*, ainda que seja na sua deslavada traducção, é a leitura favorita. Não ha janota nenhum que não tenha dito comsigo — *é o meu typo, a minha excentricidade, a mesma nobreza, excepto o oiro.* E depois o phantasiar largo, e o desprender-se em interminaveis commentarios, em soliloquios. O janota está na hora do seu poetar. Ninguem ha mais phantasioso no sonhar grandezas e delicias. Todos os cavallos de *la*

grande armée não enchem á justa as amplas cavallariças que o janota edifica... na sua imaginação. Os seus bolsos levam ainda mais que a fortuna dos Rotschilds. Os unicos parentes a que presta uma veneração verdadeiramente artistica são os *tios da America*.

O janota enfastia-se de ler. Para os seus usos basta-lhe solettrar a lettra romana. É para ver os cartazes do theatro, e saber — novellista ou *stoltzista*, como necessariamente ha de ser, — se é hoje o dia em que deve de triumphar a parcialidade lyrica que elle engrandeceu com o peso dos seus tacões, com a robustez dos seus pulmões de stentor, com as suas palmas de girandola, e com o seu nome justamente celebrado e quasi europeu.

Este janota, que eu estou vendo, e que não é preciso ser grande e pers-

picaz Asmodeu para poder distinguir na babel lisbonense, está agora preparando-se para sair a ostentar as suas galas aos raios, já muito obliquos, do sol de inverno.

Quando o janota tem a fortuna de ter nascido filho de um agiota ricaço, de um commerciante de grosso tracto, ou de algum par do reino, gordo e anafado, que foi já ministro de estado em crise difficil, quando o janota tem por seus progenitores algum merceeiro, a quem os titulos azues, ou as operações mixtas, deram o direito de ter avós nobres e sangue qualificado, o janota possue então um bucephalo, ou um phaetonte azul-claro, ou côr de gemma de ovo, cuja historia, cheia de episodios curiosos e de peripecias extraordinarias, daria assumpto a uma epopeia interessante.

De um sei eu que foi penhorado a um morgado arruinadissimo, e conduzido em triumpho por beleguins ao limbo da praça dos leilões. Foi arrematado por um jogador celebre, e perdido d'ahi a tres dias n'um momento de capricho; vendido depois pelo seu novo possuidor, para satisfazer a sêde insaciavel de uma dançarina de S. Carlos, verdadeiro *rat d'opera,* a cujos pés jazem hoje estendidos os despojos de dez morgados provincianos. E hoje finalmente roda triumphante pelas ruas de Lisboa, sarapintado de novas côres, e blasonado com um grandissimo escudo de armas de uma familia, que em materia de armas só conheceu o chuço, porque o seu avô paterno foi cabo da antiga e memoravel *chuchadeira!*

Cumpre observar que nem todos os janotas tem vehiculo, *voiture* e *equipage,*

como se hoje diz em jargão aristocratico, e que muitos se dão por felizes de fazer a pé o giro do Chiado nos dias de semana, e de poderem ao domingo, em egua ruça, ou em alazão ossudo, dar comsigo em Carriche, atravessando senhorilmente as ruas de Lisboa.

O janota, more onde morar, não conhece a linha recta senão para ir de casa ao Chiado, e do Chiado ao Marrare. Das duas para as tres horas, o janota mede em todas as andaduras possiveis aquelle campo augusto e populoso do Chiado. Entrega-se ao prazer expansivo e ameno do *cancan*, e ao prazer ainda mais inebriante de mostrar a *toilette* elegante, em que elle imagina vencer a gentileza e a seducção dos aprimorados Lovelaces. Situado como uma cariatide a adornar a umbreira do Marrare, vê a Lisboa feminil desfilar

diante de si, na sua peregrinação diurna pelas modistas do bairro elegante.

O *cancan* do janota é delicioso.

Se leu já os folhetins do dia, indigna-se ou extasia-se á vontade, segundo as suas crenças são *stoltzistas* ou novellistas, segundo as idéas, mais ou menos luminosas, que os seus estudos de plateia lhe fizeram adquirir sobre a difficilima questão dos contraltos e sopranos.

O janota estabelece-se como um conquistador na arena tumultuosa do Chiado. Ali é o seu ponto estrategico para as operações de uma guerra, cujas feições se reproduzem cada dia sem a minima alteração. É ali que elle vem caracolar no seu ginete estafado, e mostrar, em garbosos *piaffés*, a finura da raça a que pertence o corcel impaciente. É ali que se decidem as questões de raças, e que se resolve se os magros rocinantes

são ou não de sangue, com quanto os ossos sejam, ordinariamente, os orgãos mais proeminentes e mais abundantes n'aquellas frageis e rachiticas organisações, destinadas a servir de movediço pedestal aos janotas conquistadores.

O janota, para merecer este nome, não deve limitar-se ás pompas estereis de uma casaca elegante, ou de um collete talhado geometricamente, segundo a doutrina dos grandes mestres. Não. O habito é o menos significativo dos caracteres do janota. Ha-os até, que desprezam os arrebiques da *toilette*, e que pertencem ao genero guerreiro e cavalleiroso da *janotaria toureira*.

Com effeito, é preciso que se saiba que entre os janotas ha um grande numero de divisões distinctas. O typo estatuario do janota, a estampa idealisada d'esta raça preciosa de animaes é

o janota almiscarado, que passa metade da sua vida embevecido na contemplação da sua propria belleza, e a outra metade a admirar os adornos que lhe dão relevo e magestade. É o janota que, primeiro que ninguem, saúda as modas, e que anda tão ancioso pela chegada do paquete, que traz os figurinos, como se desejasse saber a quéda definitiva de algum mau ministerio francez. É o janota que accrescenta sempre meia pollegada ás abas do chapéo mais colossal; que estreita ou dilata a cabeça, segundo o refluxo da moda, mas sempre exaggeradamente; que dissolve litteralmente os seus encantos em ondas de agua de Colonia, e que ensopa por tal forma a cabelleira annelada e luzidia, que os seus consumos de banha podem exigir annualmente muito mais que um urso branco dos pólos. É o janota que tem

feito serios estudos sobre o contraste das côres, e que chegou a resolver a questão, tantas vezes debatida, da preeminencia das luvas brancas sobre as *gants paille*. É o janota que toma logar proximo á orchestra de S. Carlos, que visita todas as frisas, e camarotes de 1.ª ordem, para fazer a distribuição de um sem numero de variadissimos monosyllabos, com que faz todos os dias o seu fardel de eloquencia e de espirito. É, finalmente, o janota que dança a polka-mazurka, que é leitor assiduo do *Journal des Demoiselles*, e que achou uma formula geral de declarações de amor, com que enche os intervallos que a sua propria pessoa lhe deixa livres.

Do *janota-almiscarado* ao *janota-toureiro*, cae-se como de um céo de essencia de rosas para um purgatorio de prosa ruim.

O janota-toureiro procura andar á moda, mas nunca chega á elegancia, porque o seu ar é pouco senhoril. Traz o chapéo inclinado por tal fórma sobre a orelha direita, que passa por um verdadeiro milagre o sustentar-se-lhe em equilibrio. Quasi nunca traz as luvas calçadas, e fuma endiabradamente... mas sempre cigarro plebeu. Aborrece os bailes pelo seguinte dilemma:— Para divertimento é muito insipido — para coisa séria, muito caricato... Já se vê, portanto, que esta especie de janota não adora a vida intima, e que toda a sua vocação se expande e se revela, em toda a liberdade, ao ar das praças, dos cafés, dos theatros e dos circos de touros. Vae aos divertimentos publicos não para se divertir, que é vulgar e plebeu, mas para se distinguir em bravuras de todo o genero. É sempre infallivel

em *touros de fidalgos*, e sabe fundamentalmente os preceitos sublimes da tauromachia. Falla de Montes com o respeito temperado de admiração com que um velho soldado do imperio falla ainda do *petit caporal*. Só ha tres homens celebres para o janota-toureiro. O introductor do tabaco na Europa, o chimico culinario que descobriu a maravilhosa composição dos *ponches*, e o grande *matador* hespanhol. Não ha janota nenhum que não tenha cem vezes crescido e inflado, só com a lembrança de encher, como Montes, toda a Europa com a sua gloriosa fama de *torero*.

Vêl-o em S. Carlos n'uma noite de pateada, é ver Napoleão em Austerlitz — é o auge da sua gloria. Ninguem deseja tão ardentemente as honras da prisão. Ninguem, como elle, se offerece, martyr resignado, á policia, quando ella

intervem a pôr em ordem o publico desorientado. Ninguem toma mais a serio a garganta de uma cantora má, ou os artelhos capillares de uma dançarina decrepita. Póde dizer-se, sem erro, que o janota d'este genero nasceu para pôr garrochas em novilhos, tecer reputações ás mediocridades da opera, beber, fumar, e *flanar* perpetuamente.

Quereis saber agora o que é o janota, em epilogo? Eu vol-o digo.

A antiguidade phantasiou typos com que idealisar as boas e as más paixões da humanidade. Baccho era o vinho, Venus o amor, Diana a castidade.

A edade moderna não creou, achou feitas já as figuras que representam as paixões predominantes.

Assim *la femme du monde* é a idealisação da sensualidade, assim como a *coquetterie* é a corrupção feminil nobilitada.

O janota é a nobilitação da ociosidade. É o vicio tornado elegante, doirado, ennobrecido, cercado de uma auréola radiante de luz, a esconder as maculas da vida desordenada.

A COQUETTE

A Coquette (*)

Eu odeio profundamente a mulher *coquette*.

Fujo dos bailes e dos saraus, porque ali a *coquette* me apparece em todas as fórmas, com todas as seducções, com todas as côres artificiaes, e com todos os arrebiques, que o orgulho feminil inventou, para acorrentar o homem a este monstro de graça e de espirito, que se chama a mulher da moda ou a mulher *coquette* — mulher artificial, mulher multiforme, que tem um coração para cada homem, uma sensibilidade para

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

cada palavra, um tregeito para cada sentimento; assim como um vestido para cada baile, uma paixão para cada polka, um amor para cada valsa.

Fujo da *coquette*, como se foge de um dilemma inexoravel n'uma argumentação cerrada. É preciso curvar-se, e ser o idolatra mentido de uma divindade falsa, ou ser indifferente, e ser marcado na fronte com o estygma de *mau tom*. Por isso fujo dos bailes, dos passeios, dos salões, dos theatros, e de todos estes campos de batalha, onde se peleja o amor, não com o sentimento, mas com as convenções da moda, não com o coração, mas com os artificios; d'estes mercados onde a mulher trafica com o futuro de um homem, com as esperanças de uma vida, e doira grosseiramente um coração envelhecido, com as pompas traiçoeiras, que se embaciam

ao clarão matutino dos bailes e aos primeiros assomos da languidez e do somno, depois de uma noite velada em hypocrisias e seducções.

A mulher *coquette* nasceu e educou-se em França, onde a civilisação animou egualmente a corrupção dos costumes, e os progressos do espirito humano. Diffundiu-se como uma praga pela nossa sociedade, e eil-a ahi já adolescente, já matrona, já encanecida, já recatando as madeixas branqueadas sob os toucados elegantes; e todavia sem nome ainda portuguez. É a *coquette*, a *coquette* sempre.

Se quizerdes, chamae-lhe a *mulher janota*. O nome não será mais nacional, mas será ao menos muito mais popular e conhecido.

A mulher *coquette*, ou a *janota*, a *leoa*, a *panthera*, que todos estes nomes lhe cabem na nomenclatura barbara do bom

tom, aspira ao ideal, ao bello, ao angelico, ao seductor. Não vive para si, por isso não precisa do amor, nem do enthusiasmo, nem do sentimento; deixa distenderem-se uma a uma todas as cordas que vibram cadenciadamente as harmonias intimas da vida. A sua vida é toda exterior, toda quasi alheia. Vive para conquistar, e não para amar; tem mais a peito esmagar com a sua vaidade, do que gosar com a sua ternura. Não ama, impõe-se como uma tyrannia ao amor alheio. Desde o primeiro alvorecer da juventude, sae como um conquistador a subjugar provincias estranhas, e divagando levianamente por todas ellas, enleva-se na contemplação de seus extensos dominios, antes de eleger a capital onde deve exercer o seu imperio, ao declinar da belleza, e ao desfolhar das formosuras facticias.

E julga-se bella, seductora, apaixonada, ideal! E que ha no mundo mais prosaico do que ella? o que ha de mais frio? o que de mais insipido no proprio florejar das suas graças ficticias? o que de mais incolor e embaciado no proprio auge dos seus esplendores de toucador?

A *coquette*, a *janota*, ou como melhor, em portuguez pouco genuino, houver de se chamar, só é uma mulher em quanto dorme, em quanto, após as fadigas laboriosas de um dia de conquistas, volve ao leito a repousar, e a confundir de novo a sua natureza artificial e contrafeita na vulgaridade do somno prosaico. É o momento em que a vaidade a desampara, se não sonha; é o instante em que ella se não reflecte no seu orgulho. N'aquelle momento Phryne e Ninon de Lenclos, a cortezan da antiguidade, e a cortezan da renascença, sujeitam-se á

norma commum do viver humano, e esquecem, n'um anniquilamento passageiro, os privilegios elegantes que se compram com a moeda da vaidade, e sobre o penhor da castidade e da singeleza feminil. N'aquelle momento madame de Maintenon, e Dubarry, a panthera de Paris, ou a *coquette* bastarda dos salões lisbonenses, abaixam-se á craveira das burguezas honestas e das pastoras de egloga—á innocencia das Graziellas, e á pudicicia das Virginias.

A *coquette* começa, ainda no leito, a vida artificial e facticia, que a deve distinguir durante o dia. Crê-se descida ao plebeismo da vulgaridade, se não revestir a tunica ideal, e não cingir a perfumada grinalda da poesia, desde o primeiro alvorecer da luz nos olhos ainda languidos, e nas palpebras ainda meio-cerradas pelo torpor de um somno mal extincto.

Eu não quero erguer a musselina, ou a seda, que ondeia em pregas nas cortinas de um leito elegante. Eu não quero passar o *Rubicon*, e devassar com a creada de quarto os mysterios que a moral suppõem (e eu respeito a moral), que só se patenteiam a estes lictores femeas da belleza elegante. Eu não quero ver o braço cinzelado e niveo, cair languido e quasi inanimado para fóra do leito, e executar a custo um primeiro gesto, e um primeiro signal de vida. Eu não quero presenciar os primeiros tormentos da creada de quarto, que atalha, n'um penteado provisorio, a desordem que a noite espalhou, apesar das precauções nocturnas, nas madeixas que á noite luziam, assoberbadas pelo peso dos oleos, e arqueadas e contornadas *a ferro e a fogo* pela tyrannia elegante do toucador. Eu deixo em paz a *janota*, que mal desabo-

toou, como uma rosa fanada ao bafejo nocturno, contar em monosyllabos os tormentos de uma noite, dormida a bom dormir em polkas aereas, em cotilhões vertiginosos, em amores, em dialogos, em expansões, em sorrisos, em olhares, em confidencias, e em conquistas sem fim. Eu não quero perscrutar os segredos intimos d'esta transformação lenta da belleza nocturna na formosura e na juventude do dia. Semelhante á flor que veste a corolla pallida, ao principio, que a tinge depois no matiz da natureza, e sae dos envoltorios do botão, esplendida de fórmas, radiante de luz, recendente de perfumes, graciosa, pendente, harmonica, e seductora; assim eu quero que a mulher desabroche nas galas simples, mas já pretenciosas, da manhan, do nevoeiro nocturno onde a belleza perdera, no somno, o relevado

das fórmas, o colorido ligeiro das feições.

Vinde, anjos que presidis a esta metamorphose admiravel. Accorrei, aia previdente e maternal, invenção a mais feliz, e que, com a propria natureza, disputaes o poder na producção dos encantos das vossas gentis senhoras. Trazei o leite assucarado, que restaure as forças, que a voluptuosidade afrouxou no *édredon* da molleza. Trazei a tunica de pregas amplas, e as *mules* delicadas, onde devem embocetar-se provisoriamente o corpo flexivel e os pés brevissimos da Venus matinal, que surge, não da escuma das ondas ao sôpro creador do pae dos deuses, mas d'entre os cortinados aereos de um leito, para a qual a vida deveria ser um unico somno, perfumado em aromas, e embalado por sonhos de amor.

Destapae-vos, amphoras preciosas, e derramae em ondas as aguas milagrosas onde um perfumador, enviado pela Providencia, misturou em succos odoriferos, o talisman da belleza; desarrolhae-vos, frascos de todos os lavores, e de todos os feitios, que contendes o segredo da formosura. Agua da *Rainha*, de *Juvence*, e de *Cydonia*, lavae as maculas importunas da noite, e restituí o assetinado ás faces. Cremes de todas as côres, recrescei em tempestades fragantes e apagae na epiderme gentil da vossa deusa as erupções importunas; e bruni, e lapidae, o alabastro dos collos, o jaspe da fronte, e avelludae as rosas da face, e ajuntae á physionomia da natureza a physionomia da arte; ao rosto da mulher a mascara da *coquette*.

A mulher da manhan saiu do cahos... começa a mulher do dia, e prepara-se o

anjo da noite. A indispensavel aia pronunciou o *fiat lux*. Como um general experimentado que faz na vespera da batalha o alardo da sua gente, a *coquette* concentra todas as suas forças. Cada feição toma o seu logar na linha de batalha, cada encanto velho é remoçado, cada seducção alindada. Onde a natureza é omissa, ou avara, lá vae a arte castigar e corrigir a imperfeição da natureza. Onde a arte não chega, suppre a affectação, a languidez, a *morbidezza*, e os mil expedientes secretos — que os tem sempre multiplicados, ainda mesmo a mulher que resiste heroicamente á reacção do tempo, e que tem de concertar pela manhan a purpura da sua realeza, e de unir todos os dias os fragmentos do seu sceptro, espedaçado na vespera.

A mulher da elegancia, da seducção,

a mulher dos salões, dos theatros, dos bailes, ali está já no seu germen matutino. D'aquella planta fragil, ainda recatada na estufa do *boudoir*, hão de sair as suas transformações mundanas, apparentes, á luz do sol, ou á claridade tremula dos candelabros e dos lustres. D'ali sairá a Amazona, subjugando graciosamente o corcel, como se fôra a imagem da força, modificada pela gentileza. D'ali surgirá a mulher languida, a virgem affectadamente timida, tombada morbidamente sobre os coxins de uma equipagem, ou sobre o velludo de um sophá, como o vulto de Cleopatra agonisante; erguida e flexivel como um junco á borda do ribeiro; vaporosa e ligeira como a virgem de uma ballada alleman, ou como a nuvem que perpassa candida a desenhar os contornos rosados no céo diaphano do estio.

A mascara está posta. A *coquette* está em uniforme rigoroso. Supprimiu o coração. Embocetou e emparedou cautelosamente a alma. Agora o drama, todo exterior e todo visual, da sua vida, já póde começar.

O EDITOR DE CADERNETAS

O Editor de cadernetas (*)

Vamos continuando a galeria dos nossos typos nacionaes. Mas aqui temos de accrescentar, a esta designação geral, alguma qualificação, que possa distinguir o typo que intentamos descrever. Porque o editor de cadernetas é sempre traductor de romances, e o traductor de romances, salvas as excepções tão honrosas como raras, se é nacional pela patria, nacional pela semsaboria, e nacional por se declarar victima, e fazer victimas os outros, é estrangeiro pelo officio, es-

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

trangeiro pela lingua, e estrangeiro completamente á litteratura do paiz.

Antigamente o ser traductor era uma punição, que as lettras infligiam aos litteratos, em proveito do paiz, que se locupletava com as obras primas das litteraturas estranhas. Hoje é uma sinecura de ociosos. Antigamente traduzia-se para dar alguma obra celebre aos leitores ignorantes dos idiomas estrangeiros. Hoje traduz-se para tornar um romance ininteligivel ás mais innocentes capacidades. N'outro tempo dava-se leitura. Hoje pede-se dinheiro. N'outro tempo o traductor suava para traduzir, hoje afoga-se para fazer cadernetas. A caderneta! que invenção sublime! que achado feliz do seculo XIX! A caderneta é a leitura popular, por excellencia. N'um seculo que chegou a proscrever as mechas, e a levar á barateza prodigiosa os palitos phospho-

ricos; n'um seculo em que a fortuna se popularisou, e a sorte se fez plebeia, na abençoada cautelinha de vinte e cinco; n'um seculo em que tudo se reparte, excepto a justiça, e em que o thesouro inventa as quinzenas, e a administração os meios-bois—o livro grosso, o calhamaço, o bacamarte infolio, transformou-se tambem, dividiu-se em *cadernetas*, voluminho portatil, em que o assignante compra, por nada, um braçado de gallicismos, e uma folha de papel mata-borrão. A caderneta foi o ultimo esforço da economia politica e da litteratura, a invenção admiravel de *traductor de romances*.

Mas antes de haver cadernetas havia traductores. É verdade. Mas só depois das cadernetas é que se inventaram os *prospectos*, os annuncios em versaletes, os premios aos assignantes, as rifas, as loterias, e esta bagagem immensa que

fez de cada traductor um verdadeiro inimigo publico. Eu lembro-me de ver em papel amarellado e transparente, em typo garrafal, e em formato modesto, as rançosas inspirações da *Cabana no Deserto*, do *Sitio da Rochella*, e do *Armando* (*) *e Oscar*. Mas que differença entre esses tempos e os de agora! Que distancia infinita entre o traductor antigo e o traduzidor moderno! O traductor antigo era as mais das vezes um homem honesto, algum mestre-escola aposentado, algum empregado que ia desfructando a sua jubilação, homem que um bello dia punha na *Gazeta:*—sairam á luz os *Desterrados da Siberia*. Toda a gente se espantava com o annuncio, enchia-se de curio-

---

(*) Assim se lê no texto da *Revista;* mas o verdadeiro titulo é *Amanda e Oscar*.

A. V.

sidade, e ia ver quem eram aquelles *desterrados*, a quem o traductor, auxiliado pela gazeta, tinha quebrado o exilio ou os ferros, nas regiões da Scythia. N'isto não havia nada de sobrehumano, nem de extraordinario. O traductor dizia: —aqui tendes uma novella, e dae cá o vosso dinheiro. Era um contracto simples e leal. Quem queria os *Desterrados* em casa, ou o *Barão de Trenk*, ou a *Baroneza de Castle-Acre*, recorria á loja do historico corcunda Desiderio, e ali, d'entre nevoeiros de poeira secular, via tirar o seu folheto querido, d'entre um gordo sermonario velho, e algum exemplar novo do *Oriente*, de José Agostinho.

Hoje a questão mudou. Um traductor que sabe o officio nunca promette só a obra. As suas promessas vão mais longe. Junto com o seu romance vão milhões, vão preciosidades, vão riquezas

fabulosas, thesouros encantados, minas do Potosi e da California. O traductor não traduz para ganhar dinheiro, nem para dar leitura; é com o fim piedoso de enriquecer o genero humano. Assignae e sereis ricos. Cada caderneta custa-vos um vintem, dez réis, cinco réis, *gratis;* com ellas tendes um bilhete; com um bilhete adquiris o direito de possuir uma estatua toda de prata, um diamante do grão-mogol, a muralha da China, o obuz de Pekim, ou o sino grande de Moscow; porque assignar para um romance dá direito ás maiores coisas d'este mundo, incluindo as massadas, os gallicismos, e as pragas dos distribuidores, que são as maiores que se conhecem n'este mundo. Tal traductor manda comprar todos os bilhetes de uma loteria para dar aos seus assignantes; tal outro mandou vir uma barra de oiro, que poria

a direito as finanças da Russia; tal outro mandou fazer de proposito um diamante para mimosear os seus assignantes. Agora é deixar trabalhar a sorte, e se a fortuna promettida não sae como se esperava, a culpa não é do traductor, senão da loteria, que lhe fez uma das suas travessuras.

Traductor sabem os nossos leitores que significa em latim o que transporta, ou leva de uma para outra parte. Nunca um termo exprimiu melhor a indole de um officio. O traductor transporta, muda. Em primeiro logar, muda quasi sempre o sentido da phrase. Depois transporta o dinheiro dos assignantes, e transporta-o meio ponto acima para o accommodar ás suas faculdades.

Um traductor de romances brota como uma planta selvagem debaixo da terra, cresce como as urzes, alevanta-se

como as silveiras, endurece na aridez como uma piteira brava. Um poeta precisa, para florejar, que o cultivem, e que ao menos, se lhe falha a seiva natural do estio, lhe subministrem em injecções artificiaes algum versinho de Lamartine, uma ou outra regra de versificação. Um jornalista precisa, senão da faculdade inventiva, ao menos d'esta sagacidade mechanica que ensina a encher duas ou tres columnas sem dizer nada, a crear um *macrobio,* se ha um espaço ainda vazio no jornal, e a inventar um escandalo, se o jornal manqueja de interesse. O traductor não é assim. É a agua brotando limpida e fluente da rocha do deserto. É a queixada convertida em arma possante e terrivel nas mãos de Sansão. É, melhor comparado, a planta venenosa, nascida espontaneamente ao sol dos tropicos, o tojo vivaz e agreste, que viceja

sem cultura e sem amanho. O traductor nasce, e nasce em toda a parte; não se pode duvidar de que vive, mas parece que não morre como os outros animais. Todos podem ser traductores de romances, assim como todos podem ser maus, sem grande trabalho, assim como todos podem assassinar o seu semelhante ás picadas de alfinete, assim como todos podem, em fim, incommodar o genero humano, sem aprenderem grammatica, sem saberem francez, e sem terem senso commum.

Não se pode saber d'onde sae o traductor de romances. É como as fontes que borbulham á superficie, escondida a origem na profundez da terra. D'antes havia publico e auctores,—homens que liam e poucos que escreviam: hoje é o contrario—todos escrevem, e ninguem lê. Em breve a educação publica terá de

reformar-se. Dentro em poucos annos bastará ensinar a escrever, que o ler ter-se-ha de todo feito inutil á humanidade.

Um traductor de romances está completo em havendo um cruzado para comprar uma novella de Sue, ou de Dumas, dois vintens para papel, e alguns assignantes. Um diccionario portatil faz o resto. É o diccionario que dicta, em quanto o traductor nada é mais que o escrivão, ou o meirinho, d'este processo escandaloso. Em vez de se dizer—*Os Mysterios do Povo, do Mundo, de Paris, de Londres, da Cafraria*, ou *da Lourinhã* (porque hoje os *mysterios* fazem fortuna, e quasi todas as traducções são mysterios para o traductor e para o publico), traduzidos em portuguez por *Fulano*, seria melhor dizer—*traduzidos, conforme foi possivel pelo diccionario de Constancio.*

Um traductor seria a creatura mais

feliz do mundo, se não tivesse que escrever o *prospecto*. É sabido que o prospecto é sempre original, e escripto em estylo pomposo pela penna do traductor. O prospecto é uma invenção moderna. O prospecto, a caderneta, e o traductor são as tres pessoas d'esta trindade mystica; são o Siva, o Vishnu, e o Brahma d'esta tramoia litteraria, que se chama uma traducção. O leitor seria a creatura mais tranquilla do mundo, se não fosse tambem o prospecto. O prospecto é implacavel, é tenaz, é velocissimo na perseguição. O prospecto faz-vos os seus cumprimentos, estampado em grossos caracteres na quarta pagina de um jornal. Até ahi inda o caso vae bem. Tendes o recurso de fugir da quarta pagina, e de vos contentardes com as tres, que não são ás vezes menos importunas que a ultima. O prospecto apparece-vos depois

em typo colossal pregado nas esquinas, ao lado do cartaz do *Gymnasio*, que é tambem um prospecto *sui generis*, a pedir subscripções para más farças traduzidas. O prospecto senta-se comvosco á mesa do café, e persegue-vos com seus caracteres implacaveis até tragar a ultima beberagem. Largaes o café, e tendes na saida um refugio contra a sua impertinencia. O prospecto sitia-vos na repartição. O prospecto impede-vos na rua. E por fim o prospecto cerca-vos em casa. O prospecto é como os realejos que resôam de todos os angulos da cidade. É como a *Barcarola*, que resôa e estruge nos ares em todos os cantos d'esta terra. É como uma mulher-vibora, que vos siga em todo o caminho. É como um espião, que vos acompanhe em todo o transito. É como um cão malfazejo e recalcitrante, que vos segue, vociferando latidos, por

toda uma rua ingreme. O prospecto é o paraiso do traductor quando está cheio, o seu purgatorio quando volta em branco, e o inferno da humanidade, ou esteja vazio ou cheio de assignaturas.

Se não fosse o prospecto, o traductor seria uma creatura innocente e inoffensiva. Seria um Neptuno sem tridente, pescador sem rêde de arrastar. Traduziria, e o mundo ficaria em paz. Mas o prospecto! o prospecto é um punhal, uma adaga, uma pistola, uma coacção, uma violencia, uma tyrannia! É a mulher formosa que vos dá um prospecto, e assignaes. É o chefe de repartição, e estaes caido. É a victima, e condoeis-vos. É um mancebo, e quereis proteger as lettras nascentes. É um amigo, e condescendeis. É um importuno, e compraes o vosso socego por um vintem cada semana.

Á fé que ser traductor é um officio magnifico. Eu comparo um traductor ordinario a um creado loquaz, mas grosseiro, que vem dizer a seu amo um recado que em phrase correcta e elegante lhe deu uma pessoa distincta. Parece-me ouvir um montanhez repetindo em tom nasal, e com as corruptelas aldeans, os trechos arredondados de um prégador de fama.

Os traductores são os soldados rasos da litteratura. Assim como quasi todos podem ser soldados, assim quasi todos teem habilitações para traductores. É d'este primeiro posto da milicia intellectual que se passa ás graduações superiores. Uns não passam da tarimba litteraria, e são *marcas* que estão sempre de serviço. Outros escrevem a sua *noticia diversa,* e passam a anspeçadas da litteratura; outros escrevem o seu folhetim,

e sobem a *cabos de esquadra*. Raros são os que, como os marechaes de Napoleão, se elevam desde a obscuridade das fileiras ao bastão do commando, e ao fastigio da gloria.

O NOVELLEIRO POLITICO

O Novelleiro politico (*)

De todos os typos, o que se apresenta em relevo, n'estas épocas de crise politica, não é o *janota*, que se perde nas fileiras de algum leal batalhão de segunda linha, nem a *coquette*, que receia expôr-se aos insultos de uma *bernarda;* é outro, que os substitue, que os offusca, que monopolisa a attenção da turba inconstante, que se pavoneia ancho e vaidoso na rua, na praça, no botequim, e nos theatros. Este typo, cuja importancia ephemera costuma ser annullada pelas *convenções* e pelos *protocollos*, é o

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

novelleiro politico, creatura essencialmente curiosa e palradora, que se eleva hoje, para se sumir amanhan, na multidão, até que alguma nova crise appareça.

O novelleiro politico tem sempre entrada nas principaes casas da côrte. Entra no paço, e sabe o que lá vae, porque tem relações com um comprador e com dois ou tres moços da cozinha. Sabe o que se passa nos gabinetes dos ministros, porque a filha da sua lavadeira é prima co-irman de um correio de secretaria. Conhece um empregado no governo civil, tracta-se por tu com um regedor, e falla com duas ou tres pessoas bem informadas, que moram na visinhança de algum ministro estrangeiro.

Com estas importantes relações, o *novelleiro politico* acha-se habilitado para annunciar noticias, e para garantir de algum modo a sua veracidade.

Apenas o dia começa, o *novelleiro politico* percorre o circulo dos seus informadores, decora as palavras soltas que elles poderam colhêr, une-as, completa as orações, completa os periodos, inteira um discurso com admiravel intelligencia, e parte para o Terreiro do Paço. É ahi o logar do seu triumpho; é ahi que elle reina sobre duas duzias de caturras mais ou menos amnistiados, mais ou menos victimas dos ultimos, penultimos, e ante-penultimos acontecimentos. Com as boccas escancaradas, com a expressão do espanto ou do terror, a vaguear-lhes nas physionomias, os curiosos aspiram com avidez aquellas novidades, palpitantes de interesse, annunciadas, com certo ar de mysterio, ao ouvido de um, depois communicadas por este, em segredo, a outro, depois transmittidas, como uma corrente ele-

ctrica, a todo aquelle circulo de papalvos.

D'ahi a duas horas as *galgas* correm na cidade, sem que ninguem lhes saiba a origem. O *novelleiro* segue-as com amor, contempla os effeitos do seu trabalho, vê o pequeno regato a converter-se em rio caudaloso, e enche-se de orgulho.

Ao meio-dia, sabem todos o que elle disse, augmentado, desenvolvido, melhorado, sem que ninguem conheça a origem do boato. Sabe-se que o ministro fez treze caretas ao ler uma confidencial. Conta-se o que os embaixadores estrangeiros disseram no paço em conferencia secreta. Repetem-se miudamente as conversações, sem escapar uma palavra, de todas quantas se proferiram no mais recondito gabinete de um ministerio. E tudo isto foi obra sua! Todo

este movimento, que agita os espiritos, de um angulo a outro da cidade, é o resultado d'aquella visita, que fez pela manhan, aos seus fieis informadores!

A sêde de gloria leva-o muitas vezes mais longe. Meditando sobre as consequencias de alguma *novidade,* que saiu por acaso verdadeira, o *novelleiro* tira as suas conclusões; e, como um guerreiro habil, prevê os resultados de uma batalha, como um bom jogador de xadrez prevê o exito de uma partida difficil, o *novelleiro* inventa uma noticia provavel, e larga as suas *galgas,* que a cidade toda acolhe com enthusiasmo. Então o *novelleiro* occulta cuidadosamente a origem da noticia, e gosa em silencio.

O *novelleiro politico* tem sempre um mappa, e um roteiro, indica as posições dos exercitos, discute o merito dos movimentos que as tropas fizeram, calcula

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

as consequencias, e emitte a sua opinião com ar sentencioso, ainda que toda a sua vida se tenha passado longe da polvora e das balas, para as quaes, geralmente, os seus nervos teem decidida e invencivel antipathia.

Quando se suspendem as garantias, o *novelleiro* toma as suas cautelas, apparece menos, recolhe cedo para casa, deixa de ir aos botequins, e limita-se a frequentar algumas salas, onde o esperam com impaciencia as pessoas mais timidas, que se occultam, receando que os agentes da policia descubram, em seus olhos, algum signal de opposição ao governo estabelecido. Como um principe expatriado, o *novelleiro* resigna-se então a ter uma côrte pequena, e satisfaz-se com o effeito que as noticias produzem no seu timido auditorio.

N'esta posição, porém, o *novelleiro*

conserva ainda toda a sua influencia. Não permittem as circumstancias que figure nos pasmatorios; o seu nome está inscripto no livro negro da policia; mas as palavras que elle profere são ainda poderosas, mais poderosas do que eram, quando as proferia ao ar livre, no meio da praça publica. Como o pamphleto que se espalha secretamente, a palavra do *novelleiro* circula então ameaçadora e terrivel entre as turbas, e fórma o boato, que nenhum governo é capaz de suffocar.

O *novelleiro* nem sempre é inventor, ou propagador de noticias desfavoraveis ao governo. Ligado muitas vezes, por interesses reciprocos, com os governantes, o *novelleiro* é o precursor necessario dos *supplementos,* ou — echo obediente dos boatos *officiaes* — é o encarregado de espalhar as noticias, de que o go-

verno não quer tomar a responsabilidade.

N'esta situação, o *novelleiro,* acorrentado á policia, fórma á direita da classe asquerosa e nojenta dos espiões, e confunde-se n'essa multidão de repugnantes nullidades, que os governos sustentam, para terem a vantagem de saber, por dinheiro, o que se diz em *alto e bom som,* a toda a hora, e em toda a parte.

O DISTRIBUIDOR

O Distribuidor (*)

O distribuidor poderá aspirar ás honras de um typo nacional? Poderá concorrer com o seu retrato a esta galeria, em que já temos pendurado a *miniatura* do janota ao pé do esboceto do gaiato, o daguerreotypo da *coquette* junto do busto *crayonné* do traductor de cadernetas? Quem o duvida? O distribuidor é cidadão, e o que mais é, da propria republica das lettras. Nenhum inconveniente ha, portanto, em contornar a physionomia d'esta raça preciosa, sem a qual a

(*) Da *Revista Popular*, vol. IV, Lisboa, 1851.

imprensa periodica seria um problema sem solução.

A primeira condição para a existencia de um jornal são os assignantes, que pagam (que os que não pagam, poderão entrar nas estatisticas da civilisação nacional, mas são verdadeiros zeros na contabilidade de redacção). A segunda condição essencial é que haja um vehiculo, um transporte, uma *diligencia* viva, um omnibus de *dois pés* (sem *calembourg*), um meio de levar o pensamento do escriptor até ás mãos e aos olhos do ancioso cidadão, que nos honra (termo consagrado) com a sua assignatura. Jornaes sem assignaturas deve-os haver em Portugal, e há-os; jornaes sem leitores conhecemol-os nós; jornaes que os escreve e lê o mesmo redactor, não faltam por ahi; mas sem distribuidor, é impossivel.

O distribuidor tem pois o direito, fundado na sua importancia social, de exigir um logar eminente á banca da redacção. Em testemunho de reconhecimento e galardão pelos serviços impagaveis d'esta raça preciosa, typographemos-lhe aqui duas linhas de panegyrico, e estampemos-lhe, para que passe á posteridade, em toda a formosura das suas proporções, o busto ideal, o prototypo d'esta familia numerosa e serviçal.

As funcções do distribuidor são eminentes no mundo jornalistico. O distribuidor é uma especie de ponte pensil entre a cabeça dos jornalistas e os oculos dos leitores, que não teem o mau gosto de ir ler os periodicos ás lojas de livreiros. O distribuidor é como uma trombeta que o jornalista embocca para atirar os seus rugidos aos mais remotos

reconcavos da grande capital. Se os jornaes são orgãos da opinião publica (com as excepções numerosas dos que são apenas *orgãos de barbaria*, ou realejos), os distribuidores são os seus verdadeiros e afinadissimos canudos: O jornalista, tendo por *forum* uma estreita typographia, falla e ruge ás multidões, que o escutam de longe. Quem é a tribuna d'estes oradores, que fallam com uma lingua de aço (vulgo: penna de ferro) e que *molham a palavra* em tinta de escrever? É o distribuidor, sempre o distribuidor!

O distribuidor, para ser um verdadeiro typo, para merecer as honras de *janota* do genero, deve ser extremamente baixo, como representa a nossa estampa (*). Deve ser um homem em *breviario miudo*.

(*) Veja: *Revista* citada, pag. 307.

Os distribuidores altos e *arganazes* compromettem a seriedade da corporação, e tiram-lhe, sem querer, todo o poetico das dimensões. O distribuidor genuino deveria andar de *niza,* como se vê na gravura. A *niza,* desgraçadamente, toca a sua decadencia; o reinado da *niza* está expirante, a dynastia das *nizas* quasi que não conta representantes na época actual. A *niza* está quasi morta, a *niza,* a *toga* caracteristica da velha burguezia! Resuscitae a Lisboa de ha trinta annos, se poderdes, pela phantasia, vereis a *niza* pompeando na sobranceria de um reinado feliz. O lojista mostrar-vos-ha a *niza* de panno azul; o burguez *endimanché* offerecer-vos-ha, no mimoso da sua *niza de briche* nacional, o ideal das louçainhas portuguezas. Hoje a burguezia fez-se janota e elegante. A *niza* refugiou-se nos boleeiros, n'alguns algibebes taciturnos

e sorumbaticos, onde a luz não penetra, nem a civilisação irrompe.

Bem. Já que a *niza* está morta, o distribuidor usa tambem de sobrecasaca longa e fluctuante. A nova geração começa a usar tambem jaqueta e *bonet*. Mas conhece-se logo que é a *corrupção* do genero, e a *democratisação* do officio.

O distribuidor é, ao mesmo tempo, uma machina e uma intelligencia superior. Como machina, logo ao despontar da manhã, se apressa a correr a cidade em todas as direcções, e a recortál-a em mil pedaços, com as suas marchas e contra-marchas. Ao subir das escadas compõe o gesto, endireita o pescoço, e entrega a folha com o ar soberano de um homem, que póde dizer sem mentira que reparte ás turbas o *pão da intelligencia*. Não é raro que estes *padeiros* intellectuaes

se encontrem nas escadas com os que trazem ás familias as vitualhas do dia. No mesmo patamar se cumprimentam ás vezes estes differentes conductores de generos tão oppostos. Com que ufania não encrespa o distribuidor a fronte radiante de orgulho diante dos padeiros e das leiteiras, que veem a abastecer as habitações! Elle traz o alimento do espirito, elles o vil nutrimento do corpo. Elle traz o artigo de fundo, que receita á humanidade a droga propria para a robustecer e felicitar; elles, algum *embuchado* pão, que serve de texto a uma philippica da creada contra a decadencia visivel do pão saloio. Elle traz debaixo do braço, se é distribuidor de jornal socialista, o methodo infallivel de *regenerar* a cozinha da humanidade, e de povoar todas as dispensas das mais appetitosas iguarias; elles dão, a troco de

regateados vintens, algum manjar detestavel e vulgar, se a leiteira traz o aguado nectar das cabras, para adoçar o paladar a algum velho encatarrhoado; elle traz o jornal politico, esta especie de folle, com que se atiça o fogo patriotico; traz a charada, que encanta a menina da casa; a noticia da *exposição universal*, que dá que fallar á noite no circulo de familia; traz o *macrobio*, que consola a avosinha velha e rabugenta, na sua decrepidez, pensando que o mundo se compõe só de *macrobios*. Por aqui se vê o quanto o distribuidor será de festejado pelos assignantes. O distribuidor não deixa nunca de aproveitar-se da emoção que causa a sua chegada, para espremer um riso complacente ao pronunciar, em voz clara e intelligivel, o nome solettrado do seu jornal. O bom distribuidor accrescenta sempre alguma phrase de louvor, e cita

á creada as celebridades que se conteem no numero que entrega.

O distribuidor é um vulto poetico, se o contemplarem na sua marcha silenciosa e rapida pelas ruas de Lisboa. Com a pasta sobraçada tem ás vezes toda a magestosa gravidade de um philosopho antigo. De todos os homens, a quem a fortuna concedeu uma *pasta*, é o mais util e o mais nacional. O ministro tem pasta, mas o que traz dentro d'ella? Não ha nenhum que não tenha a vaidade de se suppor a si a personificação de um Pactólo, e a pasta, a amphora ou urna, d'onde hão de jorrar infinitas prosperidades publicas. O distribuidor, esse, não, que traz debaixo do braço a civilisação. Os ministros dizem que teem os destinos do mundo nas suas pastas. Illusão. Teem algum requerimento, ou alguma portaria. Mas o distribuidor tem os jor-

naes, tem a opinião publica, tem o *paiz* (isso tem de certo, depois que ha um jornal d'este nome).

O distribuidor tem sobre o ministro, seu collega na *pasta*, a grande vantagem de fallar sempre verdade. Ás vezes um ministro diz que tem na pasta o *paiz*, e não tem senão uma *revolução* em perspectiva; outro affirma em tom pedagogico que possue na pasta a *regeneração*, e, sabidas as contas, o que está dentro é o *burlesco*. O distribuidor nunca trae o juramento do seu grau, e annuncia sempre o que leva aos assignantes.

O officio de distribuidor não é todo de rosas. Tem espinhos, e agudissimos. Em quanto distribue a luz, todos lhe sorriem. Mas, quando chega o momento fatal de receber a *conta*, ha desaguisados que soffrer, e lamurias que escutar. Ha assignantes que só lêem *fiado*. Ora, como

o jornal é o pão do espirito (pão saloio, como a *Revista Universal*, pão francez, como o folhetim da *Revolução*, pão de bico, como a homœopathia da *Semana*, pão de rala, como o *Esculapio*, ou *pão de munição*, como a *Revista Militar*), o distribuidor ás vezes repete á porta dos assignantes, em estribilho ironico, os versos de Tolentino:

> ... O carrancudo tendeiro,
> Cansado de gastar giz,
> Já não dá pão sem dinheiro.

Mas ainda assim, ha assignantes rebeldes. Ha assignaturas que parecem feitas para o governo, porque nunca se pagam. São assignantes que aprenderam no thesouro publico a arte de satisfazer as suas dividas, e que acabam sempre pela bancarrota, depois de moer de cansaço o distribuidor, victima do empresario, que quer o seu dinheiro, e

victima do subscriptor, que começa a ensaiar o communismo nos jornaes.

O distribuidor é sempre mais ou menos litterato. Gosando dos fóros de addido á redacção, e zeloso do bom nome do seu jornal, nunca pronuncia o nome d'elle sem um certo orgulho interior. Na sua critica, o melhor jornal é sempre aquelle a quem serve. Conhece a fundo a bibliographia periodica, e dá o seu voto sobre os melhores escriptores com um desembaraço digno de melhor officio. Os melhores poetas são os que escrevem poemas mais longos, e professa esta opinião, porque tem visto ás vezes os trances dolorosos do empresario á espera de quatro quintilhas, que por fim lhe deixam o jornal quasi em branco. Em geral interessa-se porque os romances terminem por casamento, porque tem a experiencia que os jornaes

muito ensanguentados fazem ordinariamente *fiasco*, e deixam o distribuidor a pedir chuva. Quando um artigo conquista as admirações publicas, ou anda momentaneamente na moda, o distribuidor enche-se de jubilo, e quasi que se crê habilitado a receber a parte que lhe toca na gloria do auctor. Ordinariamente o distribuidor personifica no seu jornalista todo o genio da litteratura, e crê que o *Jardim Litterario* é o maior monumento que as lettras portuguezas deixarão ás edades vindouras.

O distribuidor, apesar da sua illustração litteraria, accumula ás vezes misteres pouco liberaes, á sua industria principal. Alguns vendem cautelas, outros apregôam em papel pardo algum assassinato horroroso, ou o vigesimo quinto incendio de S. Francisco da California, que, felizmente, para os jornaes, está

sempre a arder. Ha-os que, prestando a luz aos vivos, entendem dever accrescentar as trevas aos mortos, e exercem nas horas vagas o officio de acompanhar enterros.

A politica dos distribuidores é variavel, excepto n'um ponto. Serão legitimistas, como Chateaubriand, mas defenderão, como elle, na brecha, a liberdade de imprensa. No mais, distribuem hoje a *republica,* e ámanhan passarão a propagar o dogma do *Direito Divino.* Hoje tomam partido pela litteratura da época, distribuindo a *Historia da Poesia,* do sr. J. M. da Costa e Silva, e ámanhan divulgarão uma traducção mascavada de *Notre-Dame de Paris.* Um distribuidor torto caminhará pela cidade levando na pasta os *Direitos do Povo,* um cego distribue a *Illustração,* um coxo o *Movimento.*

RENDEIRAS DE PENICHE

Rendeiras de Peniche (*)

Por este titulo ha de parecer ao leitor que a villa de Peniche anda de renda, — o que não seria de todo impossivel n'um tempo em que está tão em voga a mania dos arrendamentos. O nosso titulo, porém, significa outra coisa. É um titulo pacifico, humilde, que não compromette a integridade do territorio portuguez, nem aliena de modo algum os bens nacionaes.

Estas *rendeiras*, de que se falla

(*) Do jornal litterario *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-1852.

aqui, não arrendam coisa nenhuma, a não ser talvez a casa em que vivem. São umas honestas mulheres que vegetam em triste mediania, e que, trabalhando incessantemente, dia e noite, se póde dizer, sem metaphora nem exaggeração, que *vivem das suas rendas.*

Ora aqui está logo ao começar um paradoxo, um absurdo, um disparate, uma coisa incomprehensivel! Quem vive das suas rendas, não trabalha: come, bebe, dança, passeia, canta, faz paixões, espirito, sentimentalismo, agiotagem, bernardas, e outras acções, todas utilissimas... á humanidade, mas que não podem aspirar ás honras do trabalho. E as mulheres de que nós aqui fallamos, *vivem das suas rendas,* e trabalham! Trabalham, suam, cansam-se, adoecem e morrem de fadiga, e de penuria ás vezes. E não trabalham horas

inteiras a gastar o marfim das teclas de um piano intractavel, nem entisicam á força de se espartilharem para *soirées,* nem suam no *cotillon,* nem se fatigam na insomnia dos bailes, nem se extenuam, como as nossas bellas lisbonenses, de somno, de amor, de semsaboria, de sentimento, nem, como ellas, se afogam na opulencia, que tambem mata, nem, como ellas, perdem o viço e o frescor da juventude nas horas de um violento *spleen,* ou nas agonias do aborrecimento.

Estas mulheres são *rendeiras,* porque sobre uma almofada, assente n'um cesto de verga, com alguns novellos de linha, e algumas duzias de bilros, passam os dias da sua vida a fazer rendas delicadas. Aranhas laboriosas e perseverantes da industria caseira, exgotam as forças da vida a tramar as teias delicadas, que a

moda receberá no seu arsenal de luxuárias bagatellas. Mais infelizes que a aranha, as teias servirão a estranhos. Cada pollegada d'aquelle tecido precioso, depois de regada com as lagrimas do trabalho domestico, sempre mal retribuido, irá adornar as roupagens de alguma mulher que ignora a aspereza do trabalho humano; e quem sabe se onde caiu uma lagrima de dôr, se imprimirá depois algum beijo voluptuoso, de alguns d'estes labios avaros, que festejam a sancta pelo resplendor, e que lhe fazem novenas ao mealheiro.

Ora eis aqui explicado o paradoxo. Isto é que se chama em Peniche *viver das suas rendas*. Em Lisboa já os nossos leitores sabem que tem outra accepção, porque o *viver das suas rendas* é, por exemplo, para o homem que sacrifica ao divino idolo da agiotagem, tosquiar

os empregados do estado, rebater-lhes os recibos a cincoenta por cento, chorando sempre muito a penuria dos tempos, e transformar o pão do miseravel funccionario, da viuva, do official, e do reformado, em velludos e setins para a mulher, pianos, broches, casaveques, e umbellas para as meninas, traquitana para si, camarotes em S. Carlos para todos. *Viver das suas rendas* é passar as noites, velando, junto do *monte* ou da *banca*, em emoções, em extases, em *palpites*, e sair, levando para casa o dinheiro apanhado aos parceiros, pondo-lhes ao peito com toda a amabilidade este punhal de quatro gumes, a que se chama em linguagem vulgar um *baralho de cartas*. *Viver das suas rendas* é entregar em branco ao administrador do bairro a relação da decima e impostos annexos, e receber muito bem recheadas as listas

ou os róes do alfaiate, da modista, do estofador, e ter sege de molas, dar jantares no Matta, florear no Chiado em cavallos arabes, vestir na roda do dia uma guarda-roupa completa, desde o *paletot* de pelles até ao fraque de passeio, desde o azul-claro até ao roxo-terra. *Viver das suas rendas* é ás vezes não ter real no bolso, e comer como um *lord* maior de Londres em dia de recepção, fumar como um *habanero,* vestir como um *dandy,* cavalgar como um kabyla, e *flanar* como um diplomata.

Ora tudo isto não sabem os leitores d'onde veiu? Pois eu lh'o digo. Tudo vem a proposito de Peniche, e das rendeiras, e tudo me foi suggerido por um amigo que tenho n'aquella villa. Vejam agora os leitores se todos os anexins populares teem ou não as suas excepções. Já vêem que serve muitas vezes para

alguma coisa o ter a gente *um amigo em Peniche.*

E serve para mais alguma coisa. Serve tambem para nos contar a historia d'aquellas tres *servas de Deus,* que ali estão (*) todo o sancto dia encostadas sobre os bilros, com mais assiduidade que um amanuense de secretaria sobre o papel mata-borrão de um registo de officios.

Já enfiámos a cabeça pela janella, que está aberta de par em par, pedimos licença á velha que está no meio da casa a dirigir a officina, como se fosse um Luiz Blanc femea a dirigir os *ateliers* nacionaes. Agora preparem-se os leitores que vão ouvir coisas estupendas. Pri-

---

(*) Na estampa que no jornal *A Semana* ilustrava êste artigo.

A. V.

meiro que tudo ouçam o sussurro dos bilros. Agora ouçam o miar do gato, que anda brincando com um novello de linha. Depois do gato cremos não ser immodestos pedindo que nos ouçam a nós.

*

Peniche é uma terra como qualquer outra de Portugal. Accrescente-se que tem as honras de praça de guerra, o que lhe dá direito a ter alguns veteranos de mais, um governador, que realisa ás mil maravilhas o proloquio constitucional—porque reina... na solidão das muralhas e dos terraplenos derrocados, mas não tem a quem governar, e por consequencia é claro que não governa!

É inutil dar aqui uma descripção artificiosa, porque não escrevo um romance, ou uma descripção precisa, por-

que não me resolvo ainda a fazer a estatistica do concelho. Phantasiem os leitores Peniche como quizerem, na certeza de que, se forem imaginosos, excederão na sua phantasia ideal as poucas bellezas do original. Façam como os leitores de certo romance meu e seu conhecido, aos quaes o poeta deixou em branco os logares descriptivos para cada um os encher á sua vontade — unico ponto de analogia que se póde achar entre o tal romance e uma relação de decima, lista de recenseamento, ou recibo das classes inactivas.

O que é certo, porém, é que eu vou entrar sem ceremonia dentro da casa penicheira, que os meus leitores viram representada pelo nosso gravador. Aqui nos poderão perguntar como entrei a devassar os segredos d'aquelle arsenal pacifico de rendeiras. Podia responder

que hoje não é uso nem moda o inquirir sobre o modo por que se entra. Quem é que se lembra hoje de perguntar como certos homens entram para casas suas, edificadas com o sangue dos seus proximos? Quem lhe importa saber como um entrou a ser conselheiro, o outro millionario, o outro barão, o quarto ministro, e o quinto socio de merito de uma philarmonica? Hoje o caso todo está em entrar, e senhorear-se. Depois é um *facto consummado* (como hoje se diz, nem que houvesse factos por consummar!), e o que se quer saber é como se sae. De um que, sem ter real, entrou para millionario, quer-se saber se sairá para maior accrescentamento, ou pela barra fóra (visto que hoje já ninguem sae pela escada da forca por ter roubado pouco ou muito). De outro que entrou, sem se saber porque, a litterato, deseja-se

saber se sairá por tolo. Ora eu peço, por esta regra geral, aos meus amaveis leitores, que não procurem saber como *entrei*, mas sim, se *sairei* bem ou mal da historia em que me metti.

Que para me eu achar em Peniche, em casa das minhas boas rendeiras, passar um serão, encruzado ali ao pé das almofadas, a ouvir contar historias á velha, e a ler nos olhos melancolicos ou malignos das donzellas, não me parece que me falleçam explicações de sobra. Em primeiro logar tenho o exemplo de Lamartine, ainda fresco e recente na memoria. Supponhamos que me metti n'um barco de pesca, que estive a ponto de naufragar, que surgi em terra repassado de frio, pingando agua como um pucaro roto, que achei na praia uma casinha, que bati, e que me abriram, e me receberam cordialmente. Eis ahi,

mal comparado, o episodio da *Graziella*, e tudo corrente e explicado.

Esta hypothese é a mais romanesca e a mais brilhante. Sobre ella podia eu architectar uma basilica inteira de amores e de sentimentalismos. Mas como eu não quero sair enamorado de casa das rendeiras, não adopto a explicação.

A hospitalidade desde tempos remotos que vive nas pequenas povoações. A casa das minhas rendeiras está n'este caso. A hospitalidade vae-se acabando, e convertendo-se em cortezia. As pequenas povoações vão tendo as suas aspirações cidadans. A villa que tem a sua camara municipal e o seu administrador, entra já na civilisação, e renega os costumes patriarchaes. A aldeia que tem a sua junta de parochia, vae tambem perdendo o cunho primitivo. Apesar de tudo, porém, a hospitalidade dura ainda

nos campos. Na cidade não ha hospitalidade. Na cidade ha apenas a tyrannia das fórmas, e o despotismo dos costumes elegantes.

Recebe-se bem um homem não por hospitalidade, mas por egoismo. Se um homem tem espirito, acolhem-no, festejam-no, afagam-no até, como se festeja um realejo que toca valsas bonitas, como se acolhe um papagaio que tem boa pronuncia, como se afaga um saguim airoso. Se é semsabor, ridiculo, parvo, e pretencioso, estima-se a sua chegada porque é uma victima do epigramma, e hoje o epigramma é tão indispensavel a uma senhora como a luneta dupla, e a um homem como os boatos politicos e as noticias da guerra. O ministro dá hospitalidade ao deputado, o deputado ao constituinte, o pretendente ao funccionario, o empresario ao jornalista;

porque um quer votos, o outro quer ainda votos, o terceiro favores, o quarto elogios. A hospitalidade é uma pistola sempre engatilhada pela seducção a favor do egoismo.

E que hospitalidade! meu Deus! O sr. m. de... dá um baile esplendido! Convidou affectuosamente os seus amigos, regalou-os com uma ceia admiravel de bom gosto! Excellente hospitalidade; tem só algum pequeno contra. Em primeiro logar o sr. m. de... hospeda comigo mais oitocentas pessoas, o que faz que eu não ache n'uma noite inteira onde repouse o corpo extenuado e ardente. Em segundo logar obriga-me a transpirar n'uma noite o que devia ter transpirado normalmente em seis mezes. Em terceiro logar dá-me uma ceia sumptuosa, de que só vejo a *carte* nas minhas mãos, sendo condemnado a ver desfilar

ao longe entre ondeantes phalanges de gastronomos as mais saborosas iguarias do *menu à souper*. E em quarto logar faz de mim exactamente a mesma conta que um general faz de cada soldado, a quem não conhece individualmente, e a quem attende apenas como elemento de uma divisão galhardamente luzida. Excellente! No dia seguinte os periodicos diziam: — «As maneiras verdadeiramente fidalgas de s. exc. a todos deixaram penhorados. S. exc. comprehende como ninguem os deveres da hospitalidade!» É a hospitalidade em massa, a hospitalidade em columnas cerradas. Pela minha parte, declaro que a não agradeço.

E esta hospitalidade em ponto pequeno, em que o hospede é a victima da curiosidade dos seus hospedeiros! «Que ha de novo? O que lhe parece a guerra? Quem vencerá? Qual acha mais

galante a sr.ª condessa de..., ou a sr.ª D...? Quando se casa F...?» É uma nuvem de perguntas, que nem um ponto de exames na Escola Polytechnica!

N'esta casa ha uma hospitalidade exemplar. Só uma das meninas tem o louvavel costume de nos mostrar todas as noites e a toda a hora a sua destreza musical, tocando sem dó nem consciencia n'um piano *da guerra da peninsula* a polka da *Esmeralda*, ou um *morceau* da *Favorita*.

Que hospitalidade christan! Obrigam-nos a tomar ceremoniosamente uma chavena da chá fervido, como o de Tolentino, *com esta a setima vez*, e a graduar aos minutos uma fatia transparente de pão saloio.

E por fim que hospitalidade! Dão-nos uma carta para o *whist*, que é o mesmo que apresentarem-nos uma lettra

á vista para deixarmos quanto levamos nos bolsos; offerecem-nos um prospecto do *Judeu Errante;* dão-nos seis bilhetes para uma «victima;» despedem-nos alegremente, em quanto estão já espirituosamente elaborando o epigramma com que hão de dar a salva do estylo, apenas nos sentirem descendo os primeiros degraus da escada. E viva a hospitalidade cidadan! Fazem-nos o elogio em vida, e levam a sua docilidade até o ponto de nos tecerem todas as noites o necrologio antecipado.

*

As minhas rendeiras devem já estar anciosas porque lhes chegue a sua vez. No numero antecedente (*) deram o titulo ao artigo... e foram quasi esquecidas!

(*) Do citado jornal.

Aconteceu-lhes, como a muita gente boa, uma coisa de que ninguem gosta, e a que muitos se prestam — a servir de pretexto (vulgó, pau de cabelleira). Foram as editoras responsaveis de uma philippicasinha, de que ellas, coitadas! não entenderiam nada, se a podessem ter lido. Hoje decido-me a voltar atraz, a contemplar as rendeiras, e pôl-as como se diz agora, á *altura da situação*, que n'este artigo é toda sua.

Entremos em casa das rendeiras. Podia aqui escusar-me de lhes devassar os escaninhos, reportando-me em tudo á estampa em que o nosso gravador reproduziu a scena que vamos descrever. Infelizmente, porém, nunca a *differença do vivo ao pintado* foi maior que no caso em questão («em *que estão* as rendeiras» — atalharia aqui já o nosso amigo J. H., espirituosa abelha, que

perpetuamente anda a *fazer cera*... nos favos do *calembourg*, e bem conhecido dos nossos leitores por uma celebre pendencia que teve com umas freiras de Beja). Como iamos dizendo, a gravura não póde bastar a traduzir a grande *epopeia dos bilros*, que nós vamos engenhar.

O nosso habil desenhador tem de certo suas antipathias innatas a Peniche, e parece que julgou d'esta terrasinha abençoada, sómente pela *sarda rolada*, tão celebre entre os puxativos energicos, como é afamado, na qualidade de seu companheiro de armas, o pouco generoso vinho de Torres. Não façam pois fé para os nossos leitores as veronicas que elle desenhou para representar as nossas rendeiras. Hajam tal gravura como uma simples publica-forma em papel almasso; porque o nosso artista,

habituado a encontrar no transito do seu calvario amoroso, fórmas que nada teem da belleza primitiva do sexo amavel, adoptou uma theoria endiabrada, que não lhe sae mais da cabeça, e que reproduz de quando em quando com o buril. Insiste em suppôr que não ha mulheres formosas, e embirra em darnos sempre mulheres feias... gravadas, já se sabe, porque eu não me atreveria a unir este ultimo e hediondo adjectivo a senhora alguma, que realmente exista no mundo. Alto lá, senhor gravador, «nem todo o mato é ouregãos», como diz o rifão. V. terá as suas razões para desenhar mulheres feias; nós temos o direito de lhe emendar a pintura, descrevendo-as. Fique cada um com a sua teima, e assim faremos boa farinha.

A casa em que nós estamos, e em que pela imaginação vamos aboletar os

nossos leitores (permitta-se-nos a metaphora guerreira em tempos bellicosos, como os nossos) é uma casinha como póde ser a de uma pobre viuva, que com suas duas filhas ganha n'um officio rude o mesquinho pão de cada dia. Officio de *rendeiras,* officio, que, não obstante, nada tem de *rendoso,* como já em outro numero explicámos aos nossos leitores. É uma casa como póde ser, por exemplo, a de uma viuva, cujo marido, depois de ter feito a guerra por vinte annos, e de ser ferido tres vezes em batalha, lhe deixa por unica herança um titulo... das classes inactivas, e a medalha n.º 5 da guerra peninsular, legado de honra, padrão de glorias militares, deposito de velhas tradições, mas que n'estes tempos em que vamos, não habilita para coisa nenhuma, porque a honra não é já hoje apreciada nem é planta que fructifique,

crestada e emmurchecida pelo sôpro mortifero das guerras civis.

É uma casa onde se póde ainda apreciar, longe de innovações do seculo, a simpleza patriarchal das antigas vivendas populares. O poeta que quizesse ali improvisar uma ecloga, seria completamente desapontado, porque em vez de uma cabana acharia uma casa mui simples, mas branqueada tão escrupulosamente como o correame de um soldado em dia de revista; em vez de colmo, verá as telhas prosaicas e luzentes, e no interior achará a mobilia modesta, e o arranjo methodico, que denunciam a pobreza extrema, d'onde a economia e a arte sabem arrancar, a poder de trabalho, como de uma mina quasi esteril, a commodidade e o aceio domestico.

Duas feições peculiares caracterisam a habitação das rendeiras, como succede

em quasi todas as casas, que servem de campo a essa batalha incessante travada entre o trabalho improbo das obreiras, e a pobreza, vencida n'um dia, e revivendo n'outro mais acerba e mais ameaçadora para a peleja. Essas duas feições residem nos utensilios do trabalho, e nos symbolos da devoção. A um lado os instrumentos d'este martyrio prolongado, que se chama trabalho, que extingue pouco a pouco a vida sob color de a conservar. Ao outro lado os symbolos da esperança e da fé, a consolação religiosa, fallando ao coração pela linguagem das fórmas em que a arte representa grosseiramente a figura humanada de Christo, e debuxou o rosto piedoso e resignado dos seus bemaventurados. De um lado os tractos do corpo; do outro a luz que irradia do céo sobre a alma. A um lado a vida real, a vida das tri-

bulações; do outro a existencia ideal, a poesia divina, que o povo sabe comprehender entre todas as poesias — a religião.

Defronte da porta que dá entrada para o sanctuario das rendas, abre-se uma janella soffrivelmente rasgada, que inunda a casa de luz, e desenha n'um fundo longinquo o mar, quasi sempre encrespado, sobre que deslisam ou se debatem, ao sabor dos ventos, as embarcações dos pescadores. Á parte esquerda da janella ha uma commoda que tem atravessado tres gerações, e que parece ensoberbecer-se ainda com a robustez de sua fabrica, e com o brilho especular que as rendeiras lhe manteem, a custo de grandes esforços, e de muita cera dispendida. Esta commoda é o pedestal dos «Lares» da casa, é o repositorio commum de todos os utensilios que

não estão em actividade, é o museu de todas as antigualhas, uma especie de *terceira secção,* onde se acham dispostos com certa anarchia os elementos do modesto peculio das rendeiras. Vê-se ali um luzidio candieiro de latão desafiar com bizarria os mais aristocraticos candelabros, e sorrir quasi de piedade, na sua sufficiencia de velho, diante de todas as modernas invenções dos Carcel e dos Argant. Armado de todas as suas peças, pendentes de brilhantissimos e aceados grilhões de arame, pousado gravemente sobre o seu prato amarello e torneado, tem todo o ar de um soldado antigo, esperando a pé firme o momento do combate. Um d'estes homens imaginosos a quem os *diabos azues* da phantasia fazem ver um novo mundo a transparecer por detraz da realidade, não hesitaria em achar uma phy-

sionomia, uma animação qualquer no candieiro velho, mas remoçado, com os seus tres bicos symetricos, e a sua larga bandeira, empunhada como o escudo de um cataphracte da meia-edade. Um tal excentrico leria no candieiro modesto o orgulho que elle sente em presidir ás laboriosas vigilias do trabalho, e não duvidaria asseverar que o triste candelabro espera com anciedade o momento de ver — como um irmão novamente iniciado nos segredos de Hiram — *a verdadeira luz*.

Á direita da janella está a «repartição dos cultos», como diria um estadista, usando da phrase administrativa consagrada para indicar que nem o céo escapa ao furor ministerial e ás invenções constitucionaes dos tempos modernos. Em termos correntes, diremos que é ali o «oratorio da familia». É a

parte onde recendem as melhores flores da primavera, onde aos sabbados arde mais duradoura a alampada consagrada. Este pequeno templo, sem atrio, sem naves, sem pilares, e sem cupula, reduz-se a uma parede branqueada, e á taboa polida que serve de suppedaneo ás imagens devotas, esculpidas, ou antes modeladas por uma esculptura primitiva.

Sobre a commoda, que em dias festivos se decora com uma toalha de folhos, perfumada em rosmaninho e rosas de cheiro, estão formados em linha de batalha, (sempre as locuções militares! — é a tendencia irresistivel do tempo) os tres sanctos mais queridos da familia. A commoda é, como se vê, uma especie de altar-mór, um posto de honra, um logar de preferencia *(d'élite,* diria um d'estes homens que escrevem

folhetins francezes com palavras meio-portuguezas) para os sanctos que bem mereceram da devoção da casa. Ordinariamente nas casinhas pobres, que pela sua humildade não podem dar quartel a grande numero de sanctinhos, a piedade christan elege alguns, que, como os deputados de um grande povo, veem a representar o reino do céo, — sem que se pareçam nem de leve com os deputados da terra, e especialmente da nossa, que representam quasi sempre a antipathia dos seus constituintes, o interesse da sua propria pessoa, e a ponta da baioneta que os pescou de dentro da urna para os vender a peso ao povo enganado, a razão de seis cruzados novos por dia e por cada seis arrobas (peso ordinario de um deputado, que começa a merecer o nome de sensato, ordeiro, amigo do throno e do

paiz... e sobretudo amigo do seu vasto abdomen, grangeado a poder de grandes vigilias... gastronomicas).

Em Portugal os sanctos mais votados são S. José, Sancto Antonio, e S. João Baptista. São os que pousam devotamente sobre a commoda das rendeiras. Sancto Antonio é o protector nato dos rapazes, e das donzellinhas; o primeiro amigo da infancia, o intercessor mais acreditado (segundo o mais commum sentir da plebe) junto do throno celestial. É á sua sombra que os pequenos fazem a sua primeira concussão e o seu peculato, trocando em *figos* de comadre o que pediram ingenuamente para *cera,* n'uma bandeja forrada com seu registo muito historiado do fradinho sancto. É com elle que as velhas da casa se apegam nas grandes crises da patria... domestica. Perdeu-se um novellinho,

sumiu-se uma thesourinha. — Ai, meu rico Sancto Antonio, deparae-m'os! Hi! se ámanhan estará bom dia para o cirio! Uma capa nova ao meu sanctinho, com suas lantejoulas, e seus canotilhos de oiro, dispostos em engenhosos arabescos! Ás vezes, mas raras, Sancto Antonio é intimado para entrar em conjurações contra a humanidade, contra o proximo — elle tão caridoso, elle tão fervente sempre no amor dos homens. Uma novena, meu bento capuchinho, se desmanchardes tal casamento, se ajudardes a fazer tal perrice a uma visinha com quem se está de mal! É claro que o sancto despreza todos estes pedidos de intervenção, e não dá ouvidos a estas preces sacrilegas. Qualquer, porém, que seja o balanço das graças e das recusas do sancto, uma boa velha, ou uma donzella christan, não deixa nunca de fes-

tejar o seu sanctinho a 13 de junho. Nunca o Sancto Antonio apparece mais garboso, mais secio, mais perfumado. A capa de gorgorão branco occulta-lhe o saial da tunica. Vidrilhos de todas as côres, e ouropeis todos flammejantes, adornam a seda do manto, que se alarga e entufa, como que repellido pela humildade do sancto. N'este dia não ha oiro, nem prata que não saia do seu logar para ir montar a guarda ao sancto. Cordões de oiro, se os ha, enriquecem em redobradas voltas o collo da imagem; e se não, haverá ao menos um vintem furado, que suspender por um fio de missanga ao pescoço do sanctinho. Tão nobre coisa é ter oiro, que por grande devoção se tem o emprestál-o um dia ao pobrissimo beato. Tão sancta coisa (para o mundo) é ser pecunioso, que o povo em dias de festa quasi que faz do

sancto um banqueiro, um director de companhia, um agiota! É um sacrilegio que o povo commette sinceramente, por devoção!

Um S. José, e um S. João, completam com o Sancto Antonio a aristocracia *de vulto*. Atraz d'elles estão pegados á parede os registos, as laminas, e os paineis, que formam no oratorio familiar quasi que a «segunda plana...» do céo. Se eu não tivesse receio de offender por um simile um pouco plebeu a gravidade do assumpto, diria que os sanctinhos que guarnecem a parede constituem a *patuléa* agiologica da casa.

*

O que eu comecei a escrever com este titulo, architectei-o sobre bases tão largas, que a mim mesmo me promettia

de o continuar ainda além da existencia da *Semana*. Declaro que me parece assumpto para atormentar por seis annos a paciencia dos leitores.

Aquella casinha humilde com os seus sanctinhos de grosseira esculptura, com a sua guitarra plebeia pendurada, como ex-voto ás musas, sobre a parede alvejante de cal, com as suas almofadas e utensilios de trabalho feminil, figurou-se-me thema para encher não um volume, senão mil, senão uma livraria inteira. E não ha que fazer exclamações admirativas. Joseph de Maistre, dentro da sua alcova, achou horizontes para um livro, e mundo bastante para humoristicas meditações. De Foë achou n'uma ilha deserta materia com que alimentar um massiço volume de prosa, e assumpto com que escrever a estatistica humana, reduzida á sua maior simpli-

cidade. Porque não teria eu texto para expansões, ora magoadas, ora fagueiras, ora condolentes, ora sarcasticas, no vão escasso de um pobre albergue do trabalho? A almofada das rendas dava-me um capitulo de economia social (já não é moda chamar-se *politica* a uma sciencia que tem a *incivilidade* de deixar morrer de fome a metade do genero humano). A terra de Peniche offerecia-me campo fertil para a poesia piscatoria, ou para as nebulosas descripções do oceano encapellado. As rendeiras, isso era um romance feito, porque qual é a mulher, verdadeira ou ideal, que não tenha em si um drama, um poema qualquer? Toda a mulher tem amado pelo menos uma vez. O mais natural (e mesmo o que a caridade christan nos manda suppôr) é que tenha sentido o amor virginal, puro, ardente, irresisti-

vel. Bem. N'este caso ha de ter um tio velho, um tutor, uma aia, que se opponha aos desejos da formosa. Suppunhamos que não ha o tio implacavel, como nos entremezes de cordel, que a aia é benevola, que a mãe é consentidora. Haverá um barbeiro defronte, um remendão de escada, que interponha a sua curiosidade aos dialogos amorosos, soprados ao vento da meia-noite, ou interrogue sarcasticamente o vôo psychico de um *billet doux* que sobe airosamente atado na ponta de uma linha, ou caminha pela posta nas mãos de algum sordido galopim, disfarçado em mercurio popular. Se a mulher casa, e tem muitos filhos, eis o romance concluido á maneira burgueza; se morre de uma tisica pulmonar, diz-se em necrologios, rezados em voz baixinha: «morreu de amores». Eis o romance

byroniano, romantico, lobrego, espirando melancolia, começando ás brisas da noite, ao clarão da lua, como os amores de Julieta, e terminado, segundo o genuino ritual romantico, á beira do sepulcro com ramalhar de cyprestes negrejantes, e ciciar de goivos pallidos por entre as frinchas da lousa.

Dir-me-heis que ha mulheres que não entram n'esta inexoravel classificação romantica. É verdade que ha muitas que nem teem a semsaboria de casar, nem de morrer por amores, verdadeiras doutrinarias, genuinas *ordeiras* do sexo, que acham tão insipido ter um marido, como ter um epitaphio em marmore cinerario. Ha, ha d'estas mulheres, que, odiando do fundo d'alma a *platitude* das finezas e galanterias dos salões, não quereriam morrer para não serem victimas da semsaboria dos necrologios mo-

dernos, sem poderem repellir com indignação o lugubre espirito dos seus biographos. Mas essas mesmas teem o seu romance. É a inconstancia, é a *coquetterie*, é o orgulho, é a soberania do leque, e a dictadura da luneta! Ora, uma luneta e um leque, nas mãos de uma mulher espirituosa, dão uma iliada amorosa!

Outras mulheres ha que dão o romance á Goethe. Uma mulher com a *morbidezza* elegante de um *spleen* perpetuo, uma mulher que acha o mundo prosaico, rasteiro, villão, tyrannico, implacavel e monstruoso; que se debruça a contemplar a agua dos regatos, e a beijar as florinhas silvestres; que tem, á noite, os seus colloquios melancolicos com a lua; que cerra voluptuosamente as palpebras requeimadas de pranto, á luz dos candelabros de um sarau; uma

mulher que tem os nervos sensiveis, e crispados sempre como os de uma ran galvanisada; essa mulher vulgar, hoje felizmente que é moda ser infeliz, e que ha certa elegancia em se aborrecer á força de sentimentalismo, essa mulher estará talhada para Carlota n'este romance sinistro, cujo Werther, sempre atormentado pelo ciume, e crestado pela melancolia, será, desgraçadamente, talvez, algum *abdominoso* ou ventrudo agiota, ou caixeiro de mercador. Eis um romance talhado. Os personagens estão promptos. É cirzil-os pela acção dramatica, dar-lhes a animação dos episodios, e levál-os á catastrophe. Esta, graças aos prejuizos do seculo, não será lugubre e funeraria, como a do romance allemão, ou como a que convem á raça já hoje extincta dos Antonys. Os Werthers modernos já não crêem no suicidio

como um remedio do amor. N'este ponto preferem o *Remedium Amoris* (Remedio do amor), de Ovidio, que crê e ensina a amar na voluptuosidade, ás receitas extravagantes do romantismo moderno, que aconselha o arsenico e o acido prussico como o ultimo recurso das paixões infelizes. Hoje, quando uma paixão estranha se interpõe á castidade, representada na mulher, e o destino, symbolisado com razão nos maridos ciosos, o romance acaba em Cintra.

O POETA DE ALBUNS

O Poeta de albuns (*)

O poeta de albuns não existia d'antes em Portugal. Importação estrangeira, innovação nos costumes e nos mesteres elegantes do tempo, póde-se dizer que veiu na turba das modas francezas, sendo mais que todas ellas uma coisa ridicula, e quasi sempre semsabor.

O poeta de albuns é o poeta por excellencia, o poeta das mulheres. Não se pense, porém, que as mulheres não tinham outr'ora quem lhes pagasse em

(*) Do jornal literário *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-1852.

requebros poeticos, e em finezas rimadas, este fôro que a poesia sempre satisfez pontualmente ao sexo formoso, que até as almas prosaicas, que os corações mais encortiçados e positivos pagam sempre á metade mais amavel (á unica amavel) do genero humano.

Ha um seculo não havia *albuns*. Se os havia, era no fundo dos escriptorios, e folheava-os a mão avarenta de algum mercador de *gourrhaites*, que os baptisava com o nome de *livro de razão* ou *livro mestre*. Livro em branco, que se encadernasse em custosos marroquins, que se adornasse de broches cinzelados, que se adamascasse, e se doirasse, e se alindasse, para expôr em cima de uma mesa, para que o primeiro semsabor lhe ennegrecesse as paginas com somnolentes garafunhos, isso não existia n'aquelles tempos. Os tolos n'essa época

tinham mais obstaculos á livre expansão das suas poesias. Ninguem gastava dinheiro para ter o prazer de colligir uma *selecta de parvoices amaveis.*

Diziam-se finezas, olá se se diziam. Eram os tempos do celebrado D. Lucas de Portugal, o primeiro calemburista patrio; eram os tempos da *Phenix renascida,* que morreu, para não mais resuscitar, hydropica de *conceitos,* e de pensamentos alambicados em honra das damas. Não havia *album,* não; que, se bem me lembra, n'aquella espirituosa meditação do padre Bernardes, sobre as vaidades feminis (a qual vem na *Floresta),* fazendo o bom do oratoriano o inventario de todos os dixes, e atavios de uma dama elegante, e comparando-a a uma nau da India, só em album não fallou; com o que se prova que ainda as senhoras não tinham in-

ventado este novo meio de seducção, esta nova manobra da tactica amorosa.

O *album* de então era o grande livro da imprensa, ou o grande infolio da natureza. Havia os outeiros, onde, *sub dio*, debaixo da inspiração momentanea, era difficil ponto o decidir se mais inspiravam os olhos das abbadessas, e os ditos agudos das rodeiras, se a artilheria grossa do arroz doce, ou a mosqueteria amorosa dos confeitos e gulodices monachaes. Aquella gente, mais racional do que nós, entendia que o preito á formosura era força que fosse breve, instantaneo, e que não ficassem d'elle vestigios, para não dar logar a desagradaveis confrontações. Cantava-se a belleza anonyma, optimo expediente, porque fazia da formosura um mytho, que pertencia a todos, por não pertencer a ninguem; cantava-se a belleza fugitiva-

mente, ao canto de um salão; cantava-se a belleza no intervallo de dois beijos de poeta, e aquelles canticos não voavam e não se sentiam menos que os beijos, que os sorrisos, que as affeições cruzadas ao acaso na volubilidade de um sarau.

Quem inventaria os albuns? Seriam as damas para ali recensearem os seus aduladores e arrojados, sem a prévia verificação do censo... commum, com receio de os afugentar; ou foram os homens para augmentar o numero dos alvitres que empregam em trazer a mulher sempre em perpetuo engano, a respeito das suas perfeições corporaes, e dos dotes do seu espirito? Não queremos averiguar esta origem; fique assim em duvida, e os interessados que a decidam. Bem vêem que não nos queremos malquistar.

Do poeta de albuns, porém, não ha que fazer investigações. Assim como ha homens que nascem para as armas, outros para as lettras, uns para o estado ecclesiastico, outros para a politica, uns para o trabalho, outros para o ocio; assim tambem ha poetas que nasceram para os albuns. É um fado que só a edade tem poder de quebrar; uma sina que se lhes lê nos olhos, logo que elles avistam um livro oblongo, ou qualquer caderno em branco. Á semelhança d'estes artistas funebres, que não sabem abrir lettras senão no marmore dos tumulos, e fazer elogios a defunctos, o poeta de albuns só sabe rimar em folhas encadernadas, e não faz senão exaltar perfeições, ainda que a dona do album seja uma furia!

Ministros responsaveis das realezas feminis, são os poetas de albuns os que

referendam os decretos de belleza, amabilidade, espirito, prendas, instrucção, gentileza e mais partes que concorrem na pessoa a quem dedicam os seus versos. Como não ha lei de habilitações para estes despachos, succede quasi sempre que as damas que elles nomeiam por muito airosas e gentis, saem no original tão desastradas como a Maria da Fonte. As que elles pintam de rosto angelico e labios de carmim, teem ás vezes a pelle tão esfumada e os beiços tão grossos como a rainha de Sunda. As tranças de ébano, que o album attribue aos dons da natureza, são victimas da arte, e um sorvedouro continuo das pomadas de Mr. Baron, especifico secreto para tingir o cabello, e fazer andar a cabeça á roda das durazias, a quem a edade começa a empoar. Os fios de perolas que o poeta de albuns descobre ao

mais leve sorriso da sua dama, estarão talvez ainda em aberto nos roes de Mr. Vitry... Seria infinito o catalogo d'estas fraudes poeticas, que *ex-officio* commettem estes vates encartados, amanuenses incansaveis em registar nos albuns quantas frioleiras e pequices metricas lhes suggere a mente... para mentir.

O PRETENDENTE

O Pretendente (*)

Não ha organisações n'este mundo que não sejam correlativas (excepto sempre a das finanças em Portugal, que não teem o menor ponto de contacto com a bolsa dos empregados publicos). Creou Deus o homem, e achando que, sósinho no Eden, morreria de *spleen* antes de morrer pelo peccado, furou-lhe uma costella, e fez a mulher, ente correlativo, e que dizem cifrar em si a nossa felicidade, theoria a que oppõem razoa-

(*) Do jornal literário *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-1852.

vel contrariedade alguns milhares de maridos indiscretos ou voluveis. Creou a arvore colossal, e destinou-lhe logo a plantasinha rasteira e humilde, que, embebendo-lhe as raizes na cortiça, lhe chegue a seiva e a force a alimentál-a, como os proletarios tambem humildes se chegam ás vezes, e obrigam os ricos e poderosos a ministrar-lhes parte da seiva social. Desentranhou do cahos o ministro (porque o ministro tambem saiu do cahos, como todas as coisas creadas, com a differença, porém, de ser aquella que mais depressa volve tambem ao cahos genesico), creou o ministro, e deu-lhe por companheiro, por socio, por Mentor, por tyranno, por victima, por sanguesuga e parasita, quem? — quem pensais vós? O correio? Não. A imprensa? Peor. Os poetas não teem força para esmagar um ministro

corrupto, nem canto seductor para dobrar-lhe o animo endurecido. O deputado? É verdade que o deputado se associa ás vezes ao ministro; mas tambem é verdade que ha ministros que não exigem deputados, v. g. os do grão-turco e alguns de certo paiz que não professa o alcorão...; e até ha ministros que criam deputados... e tome-se a palavra *crear*, se quizerem, no sentido em que a applicamos a *patos* e gallinhas, que se manteem e alimentam n'uma capoeira ou n'um saguão, e a quem se dá sua ração diaria, e o direito livre de cacarejarem a seu grado... Não é, pois, de certo o deputado que se erige em perseguidor do ministro.

Quem será, então, este ser privilegiado que tem o direito precioso de incommodar o ministro, de o pôr a tormento, de contrabalançar as delicias de

um *somno* no poder, de lhe entrecortar os sonhos eburneos com negrejantes pesadelos, de lhe azedar no estomago as iguarias de um jantar opimo, e de lhe perturbar inesperadamente uma digestão começada entre um relatorio e um projecto de lei? Quem é este *Banquo* (e aqui peço aos agiotas que não façam *calembourg*, pelo amor de Deus), que se ergue a cada passo, minace e furibundo, plangente e attribulado, supplicante ou imperioso, melodramatico ou brutesco, que apparece á portinhola do *coupé*, que se senta ao lado do ministro, que viaja com elle de casa para a secretaria, que lhe surge por detraz dos reposteiros menos indiscretos, que vence todos os obstaculos, que devora as distancias, que annulla o tempo, que sabe enternecer os porteiros, interessarem-se os mais severos amanuenses, verterem

prantos os mais doutores *bureaucratas* que acham o segredo da seducção e da peita innocente, e que conquista todos os corações offerecidos, desde o do *continuo* sisudo e *importante* até ao official maior, com carta de conselho? Quem é este homem, esta sereia, esta Venus, esta idealidade emfim?

É o *pretendente!*

Não é pretendente quem o quer. *Non fit pacta.* Para ser pretendente a empregos é necessario ter o estro, o fogo, a inspiração. Um homem que não nascer no signo propicio, será um mau pretendente, uma sombra, um mosquito, uma aragem, um nada, que assusta um momento a alma timida do ministro. Será um pretendente que aspirará aos maus empregos, que pedirá ser guarda da alfandega, escrivão de juizo de paz, ou alferes do ultramar.

Fallae na sua insufficiencia, redigirá detestaveis memoriaes, e em troco dos seus criterios receberá um premio. Ser atropellado pela carruagem do ministro, só uma vez, ou ser despachado distribuidor de algum jornal ministerial, que o porá em circumstancias de ser atropellado todos os dias pelos assignantes rebeldes da folha.

Mas o talento de pretendente é, felizmente, vulgar. Sem isso não teriamos o prazer de ser administrados, governados, policiados, tributados, julgados, executados... e escorchados, em nome da lei, já se sabe. Sem este alqueive, d'onde se tiram as arvores administrativas, que nos protegem com a sua copa (no sentido metaphysico, porque as auctoridades não teem *copa*, a não ser a do chapéo), não haveria governadores civis, e não poderiamos viajar...; por-

que quem se atreveria a pôr-se em marcha sem ter um passaporte para conforto e viatico, sem ter um diploma em que ordinariamente tem o prazer de se ver lithographado feição por feição, sem ter um documento official em que o poder publico diz a todo o mundo: — Olá, senhores, deixae passar este cavalheiro, que pagou os emolumentos do estylo, pelo que fica provado que é tão honesto como S. Pedro?

Se ninguem se lembrasse de ser pretendente, não havia administradores do concelho. E quem nos havia de enterrar, que é chegado o momento de contribuirmos com o nosso sangue para a defensão da patria commum? Se não houvesse recebedor, como poderiamos nós ajudar com as nossas economias a fundar o patrimonio, o morgado dos agiotas?

Vivam os pretendentes, pois!

Os pretendentes desabotoam como as flores em suas sazões proprias. A primavera d'estas flores chama-se *situação*. O seu inverno tem o nome de *reacção*. O pretendente antes da *situação* appellida-se *victima*. Este nome é de rigor para um pretendente que saiba o seu officio. O pretendente espia com attenção o momento dos novos ministerios. Até então confunde-se nas tintas, é *victima* de injustiças atrozes, está inscripto, diz elle, em todos os livros negros da policia, é o alvo constante de todas as perseguições. Umas vezes, salvou a patria, e a patria esqueceu-o. Outra vez, são os seus talentos, que elle aponta como o escripto de uma divida sagrada que o paiz contraiu com elle. Outras vezes, são as suas virtudes, a sua inteireza, a austeridade incorrupti-

vel do seu caracter, que lhe dão o direito de ser chamado aos mais eminentes postos da republica.

O pretendente apparece nos cafés, declama tribuniciamente, toma por thema a corrupção ministerial, e propõe sem-ceremonia a abolição total do orçamento. Escreve correspondencias locaes, designa á vindicta publica o seu antagonista no emprego, e descreve a patria em perigo, porque o administrador ou o escrivão da Lourinhan ou de Mugem se chama José Fagundes, em vez de ter o nome não menos plebeu de José Serapião. Estas correspondencias são quasi sempre assignadas — *um amigo da verdade* (e não um amigo de empregos, ainda que os empregos tambem são uma verdade); — *um cidadão independente* (em quanto não chega o tempo da colheita), ou tambem ás vezes — *um amante da*

justiça (firma de uma exactidão admiravel, quando o pretendente se dedica a escrivão). N'estas correspondencias, os adversarios apparecem com as côres retintas e sinistras de verdadeiras caricaturas hediondas. São Neros, Caligulas, Torquemadas e Cartouches, que povoam as paginas chammeantes dos jornaes da opposição. Parece que só por virtude da divina misericordia se não subverte a propria terra!

O pretendente emfim, diz elle, entra em todas as conspirações. Pelo menos foi já *irmão terrivel*, e expoz cem vezes o collo ás secures do poder. Em tal revolução vendeu os seus bens, para sustentar uma guerrilha. Em tal outra foi o primeiro que subiu á torre do sino a dar o signal de alarma. Em outra foi o primeiro de descer á praça, onde se fez mordomo de um pronunciamento

em fórma, com *auto* (sem ser de fé), foguetes, hymno, e os vivas do estylo. Um ainda traz n'uma pertinaz bronchite os documentos do patriotismo com que ajudou a salvar a patria... n'umas luminarias. Outro prestou um serviço eminente e arriscado... levou uma carta, quando os correios já cursavam livremente o paiz. Este quebrou um telegrapho, que não trabalhava havia já seis dias. Aquelle leu com interesse todos os jornaes da opposição. Est'outro escreveu um pamphleto, de que vendeu um exemplar só, circumstancia que obstou a que a Europa se ache agora abrasada! Aquell'outro teve na sua mão a dictadura, e abdicou-a por deferencia com os ministros actuaes!

O pretendente é por si só um breve epilogo de todas as paixões. Perseverante como uma toupeira, mina silencio-

samente até chegar á banca do ministro. Protheu admiravel, apura todas as fórmas, e a sua physionomia, o seu gesto, as suas palavras, o seu riso, o seu porte desenham rapidamente, como as phantasiosas fórmas do kaleidoscopio, todos os cambiantes da alma, desde o servilismo até á abnegação e ao orgulho. Pede, implora, supplica, arrasta-se, lambe, e de repente manda, sentenceia, ira-se, apruma-se, condemna e excommunga. Ninguem é mais flexivel, em quanto dura a esperança; ninguem mais Catão, depois da recusa formal. Todos os ministros são Pitts, em quanto prometem; todos Dubois, todos Sejanos, depois do secco e amargurado *não,* traduzido officialmente n'esta palavra gelada e desanimadora — *indeferido.*

O DEPUTADO

O Deputado (*)

Quem não póde viajar pelo mundo, viaja pela Europa; quem não póde correr a Europa, contenta-se com percorrer o seu paiz; quem é tão desditoso que não póde estender a vista pelo seu torrão natal, resigna-se a fazer a viagem resumida de Lisboa. Ora eu estou exactamente n'esta ultima classe. Como viajante de Lisboa, tenho percorrido todos os sitios notaveis. O Chiado é meu conhecido, e odeio-o com aquella cordialidade, com que se detesta um amigo,

(*) Publicado, com o titulo de *Chronica*, no jornal literário *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-1852.

uma amante fidelissima, um chapéo que dura ha tres invernos, ou um annuncio eterno de Mr. de Vitry. O theatro?... meus leitores, declaro-me solemnemente *blasé*. Conto uma campanha lyrica, em que fui o extrenuo paladino de uma dama, já hoje esquecida a par de sua illustre antagonista. A penna das polemicas theatraes quebrei-a. Podem vir as Grisis e as Albonis, que as deixarei exhalar impunemente os seus canticos suaves. A musa do folhetim desamparou-me, e perante a minha completa indifferença de *dilettante*, o Bruni é o rival do Tamburini, e a sr.ª Saint-Martin a egual das mais celebradas magestades femininas da scena lyrica.

Os bailes? Odeio ingenuamente os bailes. Ha em mim uma contradicção inexplicavel e singular. Não sou misanthropo. A minha sensibilidade delicadis-

sima arrasta-me ao extremo opposto. De longe amo a humanidade. De individuo para individuo sou affectuoso, terno, exaggerado na devoção e no sentimento; mas as turbas detesto-as. Ora um baile é uma turba agitada, ondeante, tempestuosa. Que me importa o sorrir das formosissimas mulheres, se esse sorrir é como o aroma que as flores exhalam, e que não tem sobrescripto para ninguem? Que me importam as *causeries*, se são uma banalidade chan, prosaica, para uso de toda a gente? Que me importam as intrigas de salão, se eu sei de cór toda a sociedade, e se eu leio cá do fundo do meu retiro todas as *notas* officiaes e reservadas d'essa mesquinha diplomacia de salão e de toucador? Se eu quizesse ser homem do mundo, podia sêl-o. A sciencia é tão facil, o tirocinio tão curto! Mas não quero.

O Marrare? Resta o Marrare, n'esta trilogia insipida que resume Lisboa; aborreço o Marrare e os seus *cavacos*. Prefiro a galeria reservada da camara dos deputados, e é ali, meu benigno leitor, que eu vou levar-vos para nos divertirmos uma hora n'aquelle areopago nacional.

Quem pensar que uma camara de deputados é apenas um sanctuario politico, uma tristonha e austera officina de leis, engana-se de meio a meio. Quem pensar que ali só se entra, quando as cans começam a povoar a cabeça do cidadão, e quando os cabellos se ausentam para deixar a praça livre á veneranda calvicie, não sabe o que é uma camara. Eu na camara dos deputados vejo primeiro que tudo um logar de reunião. Eu tenho, como todo o cidadão patriota, o fervente desejo de salvar o meu paiz. Se eu fi-

zesse um programma havia de adoptar a maxima de Fénelon: — «Amo a minha familia mais do que a mim proprio; a patria mais do que a familia; a humanidade muito mais do que a patria»; salvo sempre o direito de definir a *patria* como eu o entendesse conveniente aos meus interesses pessoaes...

Quizera ser deputado para ajudar a grande obra da salvação commum, mas quizera ser deputado tambem para ter o direito de entrar na sala da camara, conversar com os meus amigos, rir com uns, apoiar outros, interromper a cada passo os oradores, discutir continuamente com um presidente rabujento, estirar-me voluptuosamente n'uma poltrona legislativa, estender a perna por cima da banqueta, com o risco de desconcertar a papeleta de um discursador por escripto, saltar por todos os loga-

res da camara, berrar estrepitosamente quando ha anarchia na discussão, chamar *á ordem* a cada momento, conversando encostado ao fogão, voltando as costas á mesa, entrar e sair frequentemente, batendo com a porta, e—indizivel prazer! supremo! impagavel!—ler um romance bem frivolo, bem estonteado, bem escarnecedor, com o acompanhamento soporifero de uma discussão regimental.

Leitor, tu que ainda não foste deputado, leitora, tu que nunca provavelmente o serás, não compréhendeis este prazer da leitura parlamentar. Ora dize-me, leitor: ha nada mais appetitoso, mais provocador, mais lascivo até, que o devorar paginas de George Sand, em quanto um orador invoca a patria e esganiça em tiple, *liberdade e civilisação?* Ha alguma coisa que chegue ao prazer

de saborear os capitulos da *Familia Gógó*, de Paul de Kock, em quanto tempestuam na sala as vozes dos partidos que se gladiam sobre a falla do throno? Ha nada mais saboroso do que discutir com o seu visinho as celebridades do ultimo baile, as maravilhas da «exposição philantropica», e entabolar um debate formal e intimo sobre os olhos da C..., sobre o nariz da E..., sobre a *coquetterie* da B..., e misturar todas estas frivolidades do mundo elegante ás profundas discussões do mundo politico? Ha nada que chegue ao prazer de se sentar junto de um deputado minhoto, que pede, n'um discurso estudado, o concerto radical e completo do campanario da sua terra? apoiar systematicamente os disparates oratorios do Cicero minhoto, cortar-lhe com uma gargalhada o fio do discurso, petrificar-lhe um

gesto com um olhar de luneta, esconder-lhe um papelinho, que é a ancora do discurso, entornar-lhe a caixa de rapé *princeza*, e receber as severas admoestações do iracundo deputado?

Eis aqui para que eu queria principalmente ser deputado. Eis o meu programma; n'este não ha mentira nem simulação. Se alguem ha ahi n'esses collegios eleitoraes que queira contribuir para que eu me divirta deliciosamente, dê-me o seu voto, e eu prometto solemnemente, á face do paiz, entrar todos os dias na camara duas horas depois da abertura, e conservar-me lá até que a campainha presidencial pronuncie o levantamento da sessão.

Agora, pois, que não podemos entrar na sala, entremos na galeria.

Encostemo-nos. Ponhamos o chapéo ao lado, tiremos a luneta e assestêmol-a.

É como se estivessemos á nossa janella observando uma pequena praça.

Quasi por baixo de nós está a mesa. A mesa de uma camara não é como as mesas vulgares. Uma taboa e quatro pés fazem uma mesa commum. Para construir a mesa da camara são precisos tres deputados. A mesa falla, ordena, nomeia. A mesa dirige, reprehende; é a mesa quem regula soberanamente os destinos do paiz.

É á mesa que o deputado se dirige, com a differença de que um grande numero de deputados gostam mais de *fallar á mesa*, porque são uns gastronomos decididos, do que fallar para a mesa, porque são oradores inoffensivos que limitam o poder da palavra ao *approvo* ou *regeito* das votações nominaes.

Uma senhora que entrar na galeria, e que vir nos paes da patria, primeiro os

homens que os eleitos do povo, dividirá toda aquella immensa multidão em duas classes: os *janotas* e os *pés de boi*. Na camara ha, de feito, deputados mimosos, almiscarados e elegantes. Ha alguns homens que frequentam os salões; alguns que entraram no parlamento precedidos de uma popularidade elegante, e que tiveram os suffragios das damas, antes de conquistar o voto regateado da burguezia eleitoral. A moda não terá de queixar-se por falta de representação. Os *bourg pourris* do mundo elegante enviaram tambem ás côrtes os seus eleitos. A luva *glacé* e o *patchouli* fizeram a sua entrada na camara, rompendo pelo meio de um oceano de casacões e de lenços de Alcobaça, uniforme obrigado dos que veem ao parlamento salvar dedicadamente o paiz, e dormir nas horas vagas.

O deputado *janota* tem ordinariamente desde a edade legal até aos quarenta annos. Traja rigorosamente, segundo os figurinos mais ou menos correctos de Paris. Entra sempre tarde. Senta-se. Descalça ceremoniosamente as luvas. Levanta-se. Vagueia pela sala. Cumprimenta frequentes vezes, e com certo ar complacente para as galerias, principalmente se é deputado novo. Usa quasi sempre de luneta, a que dá um uso continuado. Distingue-se pela sua turbulencia, e grande parte das vezes pela sua inutilidade.

O verdadeiro pae da patria, o que tem direito legitimo a este titulo, porque parece mais velho que a patria, é o *pé de boi*, genuino. O *gebo* parlamentar é dotado de uma calva semi-circular ou de um chinó variegado. Traz a cara entalada entre dois collarinhos monumen-

taes. Usa de colete de rebuço descommunal, e occulta as fórmas quebradas sob uma borjaca que tem assistido aos funeraes de sete dictaduras. Apenas chega ao seu logar, senta-se com gravidade senatoria, e recosta-se magestosamente para imitar os retratos de Cormenin ou de Guizot, que andam no frontispicio das suas obras. Apenas sentado, depõe na banqueta o lapis, a caixa de tabaco, a *Carta Constitucional*, o regimento, o *Diario do Governo*, e o parecer impresso que se discute. Responde á chamada, apoia poucas vezes e com gravidade, passa o resto do tempo a trastejar com o seu pequeno peculio parlamentar, conversando poucas vezes com o seu visinho, e dobrando e desdobrando cuidadosamente o seu lenço de tabaco. Ás vezes resona melodiosamente ao som das discussões mais graves. Outras es-

creve cartas aos seus constituintes; e algumas tambem folheia um jornal de modas, que lhe encommendou da aldeia a sua cara metade. Esta imagem purissima da candura parlamentar é quasi sempre amiga da ordem, e essencialmente ministerial. Taciturno e mudo ordinariamente, a sua voz só engrossa e troveja sinistramente, quando o debate se anarchisa, e quando é preciso gritar em côro de cem vozes—*ordem! ordem!*

O deputado *janota* representa-se ordinariamente só a si e á sua *toilette*. O deputado *pé de boi* representa um voto. O deputado *janota*, quando não é orador, é espirituoso e calemburista. O deputado *gebo* tem por expressão a sua esphera, e por auditorio a urna do escrutinio. Abençoada invenção! Felicissimo systema que reduz a solução dos negocios publicos a um certame de *bolas!*

O ORADOR

O Orador (*)

Se alguem ao levantar-se na tribuna para fallar nas assembleias, meditasse um instante nas durezas do officio de orador, seria a tribuna quasi um ermo, e os parlamentos pouco distariam das cartuxas no silencio. Só quem tem lido e ponderado os modelos eloquentes, que nos legou a antiguidade, cae bem na conta de quanto é trabalhosa de alcançar a coroa da oratoria; mas tão arrastada anda pelas praças e assembleias a arte divina de Lysias e Demosthenes, de Cicero e de Hortensio, que havendo safra de oradores, ha penuria manifesta de eloquencia.

(*) Do *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para 1862.

Depois que no parlamento, e nas reuniões, que por ahi o estão parodiando em cada encruzilhada, se admittiu a formula de referencia—*o illustre orador que me precedeu,* o diploma de Eschines e Mirabeau alcança-se com pasmosa facilidade. Ha phrases inteiras com que póde fabricar-se um discurso parlamentar, sem escandecer pela invenção o miolo ermo do orador mais analphabeto. O orador noviço começará dizendo:—«Depois da brilhante oração que acaba de pronunciar o meu illustre collega (o *illustre* aqui é de rigor, embora o preopinante seja o mais obscuro e soez aldeão, que se encontre por terras da Mealhada ou da Gafanha), eu invocaria em vão a benevolencia da camara (esta *benevolencia* é dita exactamente no momento em que um murmurinho de dialogos *in crescendo* afogam n'uma cruel desattenção as notas

agudas do Fox de campanario), mas o assumpto, que vou tractar, é grave porque vae n'elle o interesse, a vida, a honra, a gloria do paiz (é raro falhar esta solemne explosão de patriotismo). Eis o caso, para que eu invoco a attenção da camara e do governo. O campanario de Alhos Vedros, o de Boticas, de Chão de Couce, ou de Vendas de Maria (aqui fica um logar em branco para o orador inscrever o nome da sua patria eleitoral), depois que o Manuel da Joanna, ou o José da Boiça (aqui entram os nomes dos personagens illustres em quem anda a governança da aldeia, ou dos que trazem entre si competencia sobre o consulado aldeão) entraram a servir na junta da parochia, ameaça inevitavel ruina. As pedras soltas do campanario, juncando o solo, attestarão aos vindouros a inercia dos poderes publicos (aqui cos-

tuma inserir-se uma *bisca* aos ministros). Pondo assim a questão á *altura dos principios* (esta *altura dos principios* é chavão oratorio de summa energia), confio que os meus constituintes me farão a justiça de acreditar que mantenho no parlamento a sua dignidade e os seus fóros populares.»

No dia seguinte o *Diario* publica o discurso improvisado com oito dias de importuna digestão, e acaba pela rubrica sacramental, já descida á vulgaridade dos necrologios:—o *orador foi cumprimentado por quasi todos os senhores deputados,* e ás vezes tambem, *e pelo snr. Ministro das Obras Publicas,* ou outro, conforme o negocio,—favor facil em que n'uma pennada concede o tachygrapho ao orador um logar de honra entre os Dêmosthenes de Soalhães e de Poiares.

O CARTEIRO

O Carteiro (*)

Quando vemos passar junto de nós um homem fardado de casaco azul, gola vermelha debruada de oiro, sobraçando um sacco de pelle, um turbilhão de sentimentos diversos nos acodem á mente. Esse homem, de aspecto placido e gélido, é o fiel mensageiro da vida e da morte. Uns o esperam com alvoroço, outros com receio. Todas as portas se lhe abrem, todas as mãos avidamente se lhe estendem, todos o desejam com

(*) Do *Almanach das Senhoras*, de D. Guiomar Torrezão, para o ano de 1877.

as commoções mais fortes, e com as mesmas o seguem.

O carteiro é uma esperança ambulante. Este homem, de physionomia serena, espalha nas familias, com a mesma insensibilidade, a tristeza e a alegria, os luctos e as galas. As donzellas, umas com as lagrimas nos olhos, suspiram pela sua vinda, outras com o sorriso nos labios e o rubor nas faces! Quantas mães afflictas com ancia lhe arrancam das mãos a carta do filho ou do marido ausente, unico lenitivo das saudades que as consomem.

Á maneira da fortuna o correio é cego, porque distribue com a mesma desegualdade os premios e os castigos, as prosperidades e as ruinas. Impassivel, convida com egual indifferença tanto para o baile como para o cemiterio, e entrega com a mesma imperturbabili-

dade a innocente missiva affectuosa como a infame carta anonyma.

Todas as coisas para elle teem egual peso; tão leve considera o singelo bilhete de visita, ou a participação funeral, como a carta de ordens em que um banqueiro envia a outro uma avultadissima somma.

Na mala mysteriosa do correio não se conhecem categorias sociaes, nem odios, nem rivalidades; ali não ha logares distinctos para os sexos, nem para as edades; ali todas as linguas se fallam e todas se entendem. Frequente é ver n'aquella boceta irem na maior intimidade os mais irreconciliaveis inimigos; o plebeu collocado por cima do nobre, ou formando d'elle estrado; damas rivaes pacificamente recostadas umas sobre as outras; a esposa ciumenta vê indifferentemente o esposo junto de outra dama

sua rival, sem gemer o menor queixume.

Quem ha, emfim, que prestando os ouvidos da alma áquelle grosseiro e velloso surrão, conduzido com tanta frieza e indifferença, não oiça lá dentro gemidos de saudade, gritos de dôr, ou sorrisos de contentamento, ou exclamações de enthusiasmo?

Oh! aquella bolsa symbolisa o cahos da vida: alegrias! tristezas! amores! odios! esperanças! incertezas! desenganos! interesses! ruinas! tudo ali se acha envolvido e conglomerado na mais absoluta e inextricavel confusão!

GRAMMATICUS LUSITANUS

O FOLHETINISTA PEDANTE

Grammaticus lusitanus

O folhetinista pedante (*)

Grammaticus é um homem medianamente conformado, soffrivelmente feio, aspecto meio-iroso, meio-chocarreiro, compondo visagens e tregeitos archeologicos pelas normas que os chronistas nos herdaram de Nun'Alvares e de D. João de Castro.

Talento mesquinho, a sua musa in-

(*) Da revista *O Farol*, vol. II, Lisboa, 1849.

Neste artigo era alvejado o cronista da *Epocha*, Barão de Alfenim, criptónimo dum erudito escritor, a quem se devem excelentes «estudos da língua materna», e que, anos volvidos, foi um dos mais dedicados amigos de Latino, e seu colega na Academia.

A. V.

grata e rebelde alevanta-o ás vezes por irrisão á altura do genio, para abandonál-o depois n'uma posição de tortura á deficiencia dos recursos com que a natureza tão escassamente o dotou.

Ermo de invenção, o seu olhar ambicioso voltou-se desde os primeiros annos para a poeira secular dos classicos e dos caturras. A sua fronte desenrugou-se pela primeira vez, os seus labios encresparam-se ao de leve, quando um frade bernardo, que lhe servia de mentor, lhe mostrou a cartilha immortal do P.e Ignacio, com todo aquelle sabor delicioso da mais genuina antiguidade, com todo aquelle cheiro inebriante que exhala o pergaminho, empoado sobre as pranchas monumentaes de suja livraria. D'ahi por diante os seus dias passaram-se na contemplação extatica dos velhos monumentos da lingua. Decorou

Camões, não para enlevar-se na magestade das idéas, ou para extasiar-se ante a grandeza do desenho; decorou-o para atormentar a humanidade com citações impertinentes e extemporaneas. Nutriu-se dias inteiros das opimas iguarias classicas da *Historia de S. Domingos*, e o episodio d'aquelles persevejos diabolicos do incommodo cenobio de Aveiro, devorou-o, como superior pela vivacidade do colorido, e pela correcção da phrase, aos mais bellos fragmentos da epopeia antiga, ou da lyrica moderna.

Os *Segredos da Natureza*, de Jeronymo Cortez, conteem, finalmente, para Grammaticus tudo o que a subtileza do espirito ou a omnipotencia da analyse podem descobrir nos arcanos insondaveis do systema do mundo.

Crente supersticioso das velhas tradições de mil e quinhentos, ninguem

lhe prove uma asserção, sem invocar o testemunho dos rabinos classicos, que elle reconhece; porque, á semelhança do *Hérile,* de Labruyère, crê sinceramente que o vinho embebeda, porque lh'o disseram os silvanos das eclogas classicas; e julga incontestavel a doçura do mel, porque a viu figurar nas comparações amorosas da *Phenix Renascida.* Para elle a civilisação estacou subitanea, quando o ultimo dos classicos desceu, gemendo, ao limbo carunchoso das bibliothecas conventuaes. Desviar uma linha do vocabulario consagrado nos sermões de Vieira, ou nos periodos de Jacintho Freire, significaria a corrupção das lettras e a conspiração do mau gosto pretendendo derribar os pergaminhos monumentaes, em que Grammaticus consome as horas da vida buscando um tempo de um verbo, um di-

minutivo em *inho,* uma phrase morta, ou um rifão genuinamente portuguez, para o entalar entre as phrases technicas e barbarisadas do lexicon do mundo elegante.

No seu zêlo fanatico pelas cans ultrajadas do velho Filinto, folgaria com a proscripção do *vapor,* dos *caminhos de ferro,* dos *blonds,* das *papelines,* das *polkas,* e dos *paletots,* porque estes commodos ou deleites da novissima civilisação são outras tantas boccas impudicas, que publicam a vozes a deshonra infamante de todos esses bacamartes, que, encadernados em vacca monumental, faziam até hoje as delicias innocentes d'este chronista de *charuto.* Vêl-o-heis iracundo e furioso cuspir affrontas á donzella que o captivou, e reprehendêl-a severo, porque chama, como o *jornal do tom,* uma *capote* ao que as mulheres dos classicos

chamavam ingenuamente um chapéo. Escriptor de folhetins e de modas, vêl-o-heis tresuar e enfurecer-se, porque os genios colossaes dos Bluteaus ou dos Viterbos não previram a apparição funesta das *tarlatanes* e das *berthes;* porque o proprio Du Cange é insufficiente para auctorisar o uso de tanta palavra barbara, com que as modistas empanam o brilho original da lingua dos Affonsos, com grave escandalo de Filinto Elysio, e da *Academia dos Pacificos*, em cujo gremio Grammaticus foi outr'ora iniciado.

Quereria de bom grado ver o desembargo do paço, e a mesa da consciencia; mas deixaria militando em S. Bento a tribuna moderna; trocaria a liberdade da imprensa por estas saborosas censuras, que á frente do mais immundo cartapacio inscreveriam os

qualificadores do Sancto Officio, ou os definidores synodaes do patriarchado; censuras eruditas, archeologicas, recendentes d'este perfume inebriante das citações á margem, das metaphoras coxas; censuras em que Aristoteles e Cicero comparecem á voz do censor perante as paginas sebentas de *uma arte de cozinha*. Daria o *jury* (e note-se que este barbarismo constitucional faz a estas horas estremecer na poltrona monumental o nosso folhetinista pedante) pela suprema e sancta inquisição; porque a excellencia de um tribunal *classicamente* celebrado lhe daria opportunidade de continuar o catalogo dos inquisidores geraes, que nos legou a Academia da Historia Portugueza. Desejaria fundir o *espirito* exotico de Jules Janin, e de Théophile Gautier (a que chamava, por um uso consagrado entre os escriptores

puros, *Julio Janino,* e *Theophilo Gualterio)* com as chocarrices de Antonio José; por isso os seus folhetins e as suas chronicas respiram tantas vezes o aroma suave, que ainda hoje se espalha ao redor das paginas esfareladas do *Labyrintho de Creta* e das *Variedades de Protheu.*

Intolerante em grammatica, é severo e fulminante em pureza de dicção. Preferiria ser escravo perpetuo da ordenação manuelina, se o poder legislativo das monarchias representativas barbarisasse a lingua na redacção das leis; e por mais de uma vez, posto que retrogrado, tem instado pela reforma da *Carta,* porque ha ali virgulas mal collocadas, e periodos que não são talhados pela prosa cadente de Fr. Luiz de Sousa, ou de João de Barros.

«Hei-vos, senhora minha, em grande «preço de amor, e se vossa esquivança

«não fôra numerar-me-hia entre os cul-
«tores afortunados do filho de Venus.
«Relevae a aridez do meu empenho, que
«é, senão digno de mim, consentaneo á
«mais rubicunda rosa, que orvalham os
«rócios de Cithera. Não me quebranteis
«a esperança, que, como o pondera o
«douto Vieira, *é um affecto, que suspirando*
«*sempre por ver, vive de não ver, e morre*
«*com a vista*».

Era assim que ha pouco o archeologo Grammaticus declarava em estylo enfunado e sentencioso a paixão, que o devorava, a uma senhora, com quem se esforçava por dançar. A senhora desviou o rosto ás baforadas classicas do pedantesco amador, e attendeu a um cavalheiro, que repetia em meio de desalmados gallicismos uma scena do *marquez em hypotheca*, com o que, e com as observações ainda menos *puritanas*, que lhe accres-

centava, divertia excessivamente um par encantador.

Ao ouvir o murmurio d'aquella declaração erudita, um velho de habito de Christo, que estacionava ali ao pé, julgava-se transportado em espirito á plateia do *Bairro Alto*, onde creu ouvir um dialogo erotico entre D. Fuas e D. Cloris, no *Alecrim e Mangerona*.

Que um cavalheiro de boa sociedade ignore os movimentos da terra; que não comprehenda a aurora boreal; que não saiba por que influencias se modifica o chlorureto de iodo no *fashionable daguerreotypo* (ai! que barbarismos!); que chame á phoca um peixe; e que ignore mesmo a *prova dos nove;* tudo isso releva-lhe Grammaticus;—mas ai do que não souber improvisar pias e edificantes commemorações com a destreza com que glosaria decimas nos freiraticos ou-

teiros! ai dos que desgarrados nas ninharias do presente não citarem o trecho classico, com que auctorisar *asinha, primordio,* ou *abastança!*

Grammaticus porém metteu-se a escrevinhador de folhetins. O cahos surgiu de novo na litteratura. O folhetim ligeiro e vaporoso, como a sylphide, tornou-se pesado com o arnez classico, e com o sapato ferrado, que o pedante escriptor lhe envergou n'um accesso de despeito.

O seu espirito é o dos rifões e anexins do povo, dos epiphonemas gastos no arsenal da *Academia dos Ignorantes,* ou dos *Anonymos;* não é o riso motejador, mas cortezão, dos folhetinistas actuaes; —é a gargalhada do *bobo quinhentista,* ou do truão, a quem uma posição forçada impõe o dever do gracejo escurril e desenxabido.

Resistindo loucamente ás tendencias do seculo, ainda crê na efficacia das *poeticas,* e julga que os Homeros se fabricam com as receitas empiricas do abbade Le Bossu. Porém as suas chronicas, revistas ou folhetins, são um hospicio de incuraveis, onde as muletas profusamente distribuidas amparam a custo centenares de estrophes claudicantes, cujas rimas monotonamente repetidas soam como o zumbido dos moscardos revoando aos enxames n'um monturo!

Tal é o animal hybrido e inqualificavel, que tem o nome de *Folhetinista pedante,* tal é *Grammaticus Lusitanus.*

Se o virdes approximar, afastae-vos; porque uma torrente de erudição de supito vos obrigará a *dormir em pé* no sitio onde o topardes!

APPENDICE

A Semana sancta (*)

(Chronica religiosa)

Esta chronica chama-se «religiosa»... e devia chamar-se «irreligiosa». Vou narrar os acontecimentos da semana sancta, e então bem parece o titulo que lhe dou. Mas por outra parte, como só tenho de narrar impiedades e ridiculos, parece-me que bem lhe caberia o segundo nome, se d'elle não podesse entender algum leitor mais rude que pegavamos na penna para escrever impiedades,

---

(*) Do jornal literário *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-52, onde saiu sob as epígrafes *Chronica (religiosa)— Historia philosophica da Semana Sancta em Lisboa, no anno de 1851*.

como muitos sobem ao pulpito para dizêl-as, como muitos se encostam á teia e vestem capas para fazêl-as, e como por ahi muitas formosas se escondem nos seus véos transparentes, e se inclinam sobre os seus ripanços de velludo e de nacar, para ao menos as pensar. Porque, na verdade, esta quadra chamada «tempo sancto» é de todas a em que se commettem mais peccados juntos, como eu espero provar.

Chamarei, pois, religiosa á minha chronica. Religioso é o sermão em que o prégador relata e fulmina as iniquidades humanas. Religiosa a catechese feita a gentios intractaveis. Religiosa a pastoral em que se reprehendem severamente os desvarios de desmandadas e ensurdecidas ovelhas.

Estou em quinta-feira sancta, em quinta-feira maior. Amanheceu um dos

dias mais solemnes do christianismo. Não é preciso que a manhan raie formosa, e que a aurora gentil se espreguice em leito de purpura. Não é preciso que o azul do céo seja diaphano e avelludado; que o sol flammeje em todo o seu esplendor; que a aura seja tepida e acariciadora; que as aves esvoacem louquinhas, gorgeando alegrias pelo ar. É de sobra a commemoração para infundir respeito, basta a religião para a revestir de magestade. Não é cá fóra no mundo que abriu para o christão a aurora do tempo sancto; é no templo que ella desabrocha cheia de tristezas suaves, de pompas singelas, de insinuante magnificencia. N'este dia as egrejas reluzentes e esplendidas, fragrantes de aromaticas plantas, de odorosissimas flores, abertas e patentes á christandade, ahi estão chamando á devoção, convidando ao amor de Deus

e do proximo, e induzindo suavemente á meditação da Epopeia Divina, que vae commemorar-se com a Paixão do Redemptor. É o dia da fraternidade universal, é o dia em que todos se esquecerão de que são homens, para serem christãos, é o dia em que as más paixões reprimidas e afogadas deixarão ao menos florejar uma vez o bom instincto, nunca de todo apagado no coração.

Apressemo-nos, saiamos á rua, ou cheguemo-nos ás nossas janellas. Ondas de povo, grave e composto, trajarão galas severas, não para fazer diante de Deus a ostentação das vaidades humanas, senão para celebrar mais dignamente a solemnidade do dia, e mais decorosamente approximar-se do Horto e do Calvario. As equipagens desapparecerão, e ver-se-hão as mulheres da aristocracia pisarem, com as plantas delica-

das, o empedrado agro das ruas com a abnegação das Salomés, com o desprendimento das Magdalenas, com a uncção piedosissima das filhas de Sion. Os accordes magestosos e graves do orgão misturar-se-hão ao cantico das licções, e o povo conglobado n'um só amor — o de Deus, n'um só espirito — o do Evangelho, n'um só affecto — a caridade, será então pela primeira vez o povo de Deus, e não o povo do mundo, o povo do Evangelho, e não o povo da sociedade — a grei uniforme, crente, pacifica e bemaventurada, *unum ovile sub uno pastore,* e não a phalange indisciplinada, cujos membros se alanceiam mutuamente, e mutuamente se arrastam, e se martyrisam, e se sepultam no inferno do mundo!

É solemne a quinta-feira maior, disse eu comigo, e saí. Boa ovelha, procurei

o meu redil, e o meu pastor. Tambem quero enlevar-me nas doçuras espirituaes d'este dia sanctissimo. Quero do fundo da egreja, escondido por detraz de um pilar, escurecido na penumbra de algum portal venerando, repetir as melancolicas inspirações do orgão, e compungir-me com as austeras palavras, e com a musica tristemente suave dos hymnos da egreja.

Estou ao pé da minha freguezia. Ha duas portas por onde se poderia egualmente entrar. Escolho uma d'ellas. Abro ligeiramente o guarda-vento, e a mão vigorosa de um soldado municipal me prova que nem por todas as portas se entra, o que eu já por outra parte sabia. Insisto. O pretoriano pergunta-me com meia iracundia se sou «irmão». A esta pergunta tenho differentes respostas. Em primeiro logar sou irmão pela genea-

logia do nosso pae commum. Em segundo logar sou irmão, em Christo, de todos os fieis reunidos na egreja universal. Esta metaphysica desagrada ao meu interlocutor, que só conhece n'aquelle momento os irmãos pela capa vermelha do Sanctissimo. Para elle, que recebeu as ordens estrictas dos juizes e mordomos da festa, a egreja de Christo não é a reunião de todos os fieis, obedientes ao chefe visivel da Egreja, senão a assembleia de todos os fieis ou infieis que vestem uma capa encarnada, que pagaram a esportula da irmandade, e que pegam n'um cirio bento para fazerem officialmente a hora ao Senhor Exposto.

Já se vê que esta definição não me agrada. Que á porta de uma secretaria de estado haja uma sentinella arrogante que vos tolha o passo; que mais adiante,

esteja um continuo, com ares de *bureaucratica* importancia para vos correr no rosto um reposteiro insolente; que ao depois haja um chefe, um sub-chefe, um amanuense, um escriba, para vos dizer empertigada e ridiculamente que s. exc. não é visivel, isto comprehende-se perfeitamente, porque ali não ha irmandade, não ha communhão, e um ministro pode declarar-se visivel ou invisivel, segundo os seus caprichos. O que se não entende porém é que á porta da egreja se poste uma baioneta para afugentar o povo importuno, e para guardar a entrada privilegiada á aristocracia das irmandades.

O templo é na egreja militante o que é o céo para a egreja triumphante. É necessario que as entradas estejam patentes e abertas a toda a christandade, e que lá penetre quem tem na presença

de Deus os meritos da bemaventurança. No céo não ha assignatura, nem entradas de favor. Á porta do paraiso poz Deus o anjo com a espada percuciente, e era para que o homem não entrasse ali, depois que o expulsára o peccado. Á porta das egrejas põem os carolas o municipal com a baioneta armada, para vedar não que entre o homem, mas o que não fôr irmão! O povo é de leprosos e malditos; só os irmãos, os que vestem capa, se teem por vasos de eleição, e dignos de se acercarem ao *Sancta Sanctorum!* Triste e ridicula aristocracia de escapulario, impia oligarchia de cirios, que destroe a egualdade no ultimo baluarte onde ella se acoutára foragida, que a vae montear a tres passos do sepulcro onde repousa o Homem-Deus, que morreu para ensinar no mysterio da cruz o que parecia mysterio tambem

ás antigas edades — a egualdade dos homens, e o dogma sacrosancto da caridade.

S. Pedro véla á porta do céo, para deixar livre o passo aos eleitos, e prohibir o ingresso aos condemnados. A sentinella, em vez de imitar o principe dos apostolos, tracta só de copiar a dureza do Cephas armado da espada temporal. Se o christão resiste, o que fará a sentinella? Expulsál-o-ha, ha de maltractal-o sem duvida, e d'aqui resultará o absurdo de ser um soldado brutal quem regule a divina fonte das consolações evangelicas, e quem puna o homem do povo que entra na egreja para orar. Coisa realmente admissivel n'um guarda turco que vigie o sepulcro de Jerusalem, e que negue a entrada a quem não pagar o tributo que se deve ao pachá da Syria; mas absurda e atroz

n'um soldado christão, posto á porta da egreja para maior esplendor da religião e do culto!

N'algumas egrejas o espirito egoista das confrarias chega a tocar por um lado as raias do atroz, e por outro as do ridiculo. O furor das philarmonicas invadiu tudo, e as profanidades sensuaes do mundo entraram na egreja, e como entraram? Não como os vendilhões, com tendas postas, com mercancias descobertas, que não illudiam; senão com visos de sanctidade, senão pretextando a gloria e o serviço de Deus. Que os soldados do condestavel de Bourbon entrem em Roma, e convertam os templos em estábulos, e os sanctuarios em casernas, não admira, porque é uma profanação franca e confessada. Mas que uma confraria, que se diz piedosa, faça do recinto sagrado a orchestra e a plateia

de um concerto mundano, que transporte para junto do sacrario a arena das sensualidades, que encha as naves de hymnos profanos, e que faça revoar nas abobadas, avezadas á melancolia divina dos cantos religiosos, as modulações das operas e das danças de S. Carlos, e que faça tudo isto sob color de engrandecer a Deus, de magnificar o culto, de promover o extasis religioso, e de soprar com mais vigor as azas em que a alma se alevanta para o céo, isso é o que não comprehendem gentios nem christãos.

Pois tudo isto se faz!

Eu disse que na semana sancta, e nas egrejas, se commettiam mais peccados que no resto do anno. É facil provál-o. Dizem que vão a celebrar a *paixão* de Christo, e vão as mais das vezes dar folga ás *paixões* condemnadas por

Christo! O juiz, o mordomo, o sacristão, o andador, vão dar largas ás paixõesinhas obscuras do orgulho parochial. Pouco lhes importa que Deus receba preces ou oblatas d'alma, as offerendas da devoção; o que elles querem é luzir, é esmerar-se, é primar, e que se digam maravilhas da sua festa. Todos os peccados são aproveitados para este piedoso fim. Maltractam os pobres para que não polluam com as suas vestes remendadas, e não infectem com o halito da penuria o recinto senatorio, essa especie de salão de *soirée*, embalsamado pelos pivetes que exhalam as aristocracias de todas as côres e feitios, desde a aristocracia de balcão, a mais numerosa nas irmandades, até á aristocracia da nobreza, já hoje rareada nas confrarias, e hoje a menos orgulhosa de distincções. Maltractam-nos, e o dia é de caridade e de amor!

Ostentam *soberbas* vans junto do sepulcro d'Aquelle que fulminou o orgulho dos phariseus. Esbravejam em *iras* ignobeis, altercando em vozes descompostas na sacristia. Quem mais de que irmãos e juizes ostenta *avareza?* Regateiam um palmo de chão aos fieis, e apenas o povo transpõe os limites prescriptos nas suas divisões arbitrarias, ahi avança logo o municipal, bradando a voz de commando — á retaguarda!

Da *luxuria* o que direi? É mais o afan com que cuidam do corpo, do que a devoção com que preparam as almas; mais o trabalho das modistas que o dos confessores, mais a arte do toucador, que a sciencia do ripanço. Commendas, gran-cruzes, casacas, pulseiras, sedas, brilhantes, lunetas, risos impudicos, segredinhos, *amores proprios,* e o que mais é ainda *amores alheios,* dentro da casa

de Deus, e nem uma chispa sequer de amor pelo dono e hospede d'aquella casa.

E a *gula!* D'este capitulo de accusação escapam os pobres irmãos, e tambem as *irmanzinhas,* dirá o leitor. Pois não escapam, digo eu. Visto que uma noite de semana sancta é uma *soirée ao divino,* segundo o entendem estes grandes apostolos, que querem reformar o christianismo pelas philarmonicas, pois que ha musica e *conversazione,* porque não haveria tambem com que entreter o estomago nas horas vagas? Haja refrescos e ceia volante. O espirito é forte, e a carne é enferma, diz o texto divino. Logo manduque-se, em quanto se cantam as licções. A egreja canta: «Seccou-se o meu vigor como barro cozido ao fogo, e pegou-se a minha lingua ao meu paladar». Os irmãos interpretam á

lettra, e pensam que o modo de restituir o *vigor* é offerecendo rebuçados, biscoutinhos de Oeiras, e trouxas de ovos. Tambem a egreja canta no psalm. 21: «Os pobres comerão e ficarão saciados». Razão de mais para que se cumpra a prophecia, e comam pobres e ricos, com tanto que estejam dentro da teia, sentados na molle alcatifa, ou recostados em cadeira de polimento, para o que parece que o Rei Propheta escreveu o verso: *Beatus vir, qui... in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiæ non sedit* (Bemaventurado o homem—ou a mulher—que se não sentou na cadeira da pestilencia!). Na egreja primitiva sanctificavam os christãos os seus banquetes nas ágapes do templo; hoje não ha ágapes, mas ha refrescos. Leva-se a prostituição ao ponto de fazer da egreja um logar de *pick-nicks* mundanos, da sacris-

tia uma copa, e do cruzeiro uma mesa redonda de janotas!

E a *inveja?* Onde ha tantos peccados juntos, ha por força a inveja. Quantas mulheres elegantes se não gladiam junto do altar-mór, e não trocam olhares ferinos, e se não invejam mutuamente por um amante que disputam? Que inveja não tem a confraria d'aqui da irmandade d'acolá? Sanctos das Francezinhas, e estas de S. Nicolau?

Agora pelo que toca á *preguiça* é que não sei como os hei de accusar. Os irmãos não parecem têl-a. Quem quizer ver a imagem da diligencia e do trabalho, entre n'uma sacristia em noite de officio. Uns correm, outros voam. Este accende as vélas, aquelle prepara os doces. Um enfeita as jarras, outro desarrolha as garrafas do Porto, por causa, dizem elles, do prégador, nem que

S. Paulo andasse a molhar a palavra por esse mundo de Christo, para adquirir o cognome de *doutor das gentes,* ou que o sancto bispo de Hippona, prégando á gente punica, tivesse ali ao pé um copo de Falerno para regar as homilias. Preguiça só a teem elles de acabar as funcções, que acabam como *soirées* de philarmonica, ou como bailes de côrte, no dia seguinte áquelle em que se começam. E tanto lhes custa a desprenderem-se do que tomam por diversão da quaresma, que de muitas senhoras sabemos nós, que, sem piedade nem sentimento pela morte do Redemptor, não se lhes daria de o crucificar tres vezes por anno, para tres vezes se repetirem os officios da semana sancta, á semelhança d'aquelle inglez, cheio de *spleen* e de libras sterlinas, que deslumbrado pela magnificencia da alleluia na

egreja de Nossa Senhora da Graça, dava boa parte da sua fortuna para se repetir a solemne peripécia de sabbado sancto.

Se os peccados mortaes, com o seu cortejo de veniaes de todos os generos e fórmas, pagam a sua pesada contribuição para o que se chama esplendor do culto, os mandamentos da lei de Deus, em dia nenhum são mais solemnemente escarnecidos, que n'aquelle em que se celebra a nascença do christianismo, e se acclamam os novos preceitos da lei da Graça.

Manda o decalogo no seu primeiro preceito: *Amar a Deus sobre todas as coisas.* Na semana sancta é que a maioria esquece a Deus para se lembrar do mundo e de si. Deus é o pretexto para as festas, nada mais. Vêde aquelle renque de irmãos que parecem adorar reverentemente ao Senhor. Teem os ripanços aber-

tos sempre na mesma pagina, e as camandulas sempre no mesmo ponto. A maior parte d'elles rezam com rosarios de amendoas, e esta reza, que é de certo muito agradavel, é sem *conta*. Vêde aquella fileira de aristocraticas senhoras. Recendem de longe, mas não é de piedade, é de *patchouli* e de mundalidades. Teem nas mãos as *Horas da semana sancta*, e assim mesmo não podem tolher que lhes fujam as *horas* n'aquelle divertimento piedoso. Todos ali vão, dizem elles, para amar a Deus, e ninguem se lembra d'elle. Ouvi na minha parochia uma explicação que me pareceu engenhosa, posto que falsa. Dizia um irmão, com fumos de *bel esprit*: «Aproveitemos o tempo, em quanto está o Senhor morto; porque, em quanto Deus não resuscita, como havemos de cumprir o primeiro mandamento? Esperemos pela

paschoa para sermos christãos e devotos».

Manda-nos Deus amar o proximo como a nós mesmos. Este preceito cumpre-se á risca, com a differença porém de que as bellas levam ainda mais longe o seu fervente zelo, dando-se ao trabalho de amar, em quanto duram os officios, não só os *proximos,* mas os *afastados;* de modo que o intervallo que vae das coxias ao altar-mór não seja obstaculo á *caridade,* que ellas teem o cuidado de illuminar com olhares sofregos, e nem sempre castos, de modo que nas egrejas, na semana sancta, ama-se o proximo como n'um baile, como n'uma *soirée,* como do camarote ou da frisa do theatro. Sempre amor do proximo! Sempre a caridade christan! Vamos, n'este mandamento não ha que formar libello...

Eu quizera discorrer pelos manda-

mentos em especial; mas ha coisas que a penna absorve e não communica ao papel. O mundo está de tal modo organisado que ha peccados que só o são para o mundo, quando revelados pela imprensa. Emfim o decimo mandamento diz: *Não levantarás falsos testemunhos,* e com quanto seja este o mais difficil de cumprir para um jornalista, Deus não tem para estes uma balança particular.

Calemo-nos, pois, e não demos mais escandalo.

O Agio do amor (*)

Sempre estive persuadido que o amor se perdia exactamente pelo mesmo modo por que se ganhava. Acostumei-me a representar geometricamente o amor, porque sempre tive quéda para submetter todas as concepções moraes á contraprova, e á representação infallivel dos algarismos e das figuras. E olhem que esta minha comparação geometrica do amor não a fui eu colher nos livros de Fourier, que só passados annos os li, quando das minhas primeiras observações juvenis sobre o mundo e os affe-

(*) Do jornal literário *A Semana*, vol. II, Lisboa, 1851-52.

ctos, me despedia já para entrar n'esta edade mais séria em que a gente póde, se tem o censo da lei, figurar entre os elegiveis para deputados.

Ora, os leitores sabem, ou devem saber, porque o socialismo entra hoje na educação da boa sociedade, e em conversas de povo ao soalheiro já quasi que eu o vi figurar e espanejar-se — os leitores sabem que Fourier comparava as paixões fundamentaes a curvas regulares, e tão embebido andava o bom do velho n'aquellas pequices, que o são, quando se tomam a serio, que não agradeceria neophyto, mais que fosse algum millionario crendeiro que lhe ajudasse a fundar o phalansterio, se se obstinasse a negar que o amor corresponde ao circulo, e a ambição á hypérbole ou á parábola.

Eu, para meu uso, como dizia, tam-

bem tenho a minha curva para me figurar materialmente o amor; é assim a modo de arco de ponte, ou, se o querem mais proximo e mais frisante, como archivolta de fresta semi-circular do theatro de D. Maria. O amor sobe, sobe, cresce, vigora, arde até devorar, e devora até enfurecer; depois estaca, paira, como ave que se balanceia no mais alto vôo; anda indeciso e receoso; embriaga-se, arrefece, torna a embriagar, a alçar-se de novo nas azas papilionaceas e diaphanas; e depois desfallece, murcha, perde pouco e pouco o vigor, como pomba ferida nas azas, e desce, desce, com tal velocidade de wagon ou de aerostato, que quando a gente se lembra do amor, e mette a mão na consciencia, ou no coração, para achar um affecto que se annunciava com fumaças de eterno, adeus... achou-lhe o pouso.

O em que não são concordes as observações, e em que parece não haver grande certeza, é no ser a quéda mais rapida que a elevação, e o enthusiasmo que produz em nós o vermo-nos livre do amor, egual ou não em ardor e intensidade á febre dos primeiros momentos de paixão. Ainda que, se eu quizesse, poderia citar aqui baixinho, e quasi *sub sigillo confessionis*, o que me contou uma senhora já experimentada n'estas batalhas e diplomacias amorosas, e que podera — taes eram as suas reminiscencias e tão ricos os fastos das suas campanhas — escrever, como Xenophonte, Cesar, Luxembourg ou Napoleão, as suas autobiographicas memorias, de que resultaria grande luz e preciosas revelações a estas intrincadas questões do coração. O que ella me disse foi que o prazer de assistir á retirada ignominiosa dos seus amantes

levára sempre a palma á ebriedade dos primeiros sorrisos de um amor de convicção, e de convicção tivera ella bem ao certo uma vintena de amores, todos elles tão juvenis, tão fervorosos, tão languidos, tão de enfeitiçar como o primeiro, e com apparencias de sentido, que o coração, se não assistia como desposado a estas nupcias felizes, ao menos comparecia ao atar do consorcio, e retirava-se depois como um tabellião, cujo officio é legalisar a felicidade dos conjuges, e retirar-se ao levantar do panno para o drama dos amores de familia.

O amor é assim feito. Pelo menos é assim que eu o conheço. Amores que nasçam como pombinhas a arrulhar de meiguice e de ternura; que cresçam em expansões mutuas, e que vão sempre robustecendo, em contravenção dos imperiosos decretos do tempo, e ganhando

em intensidade e calor o que os amantes vão perdendo em illusões, em formosura, em recato, em mysterio, em mocidade, em vigor, e até em bens da fortuna; amores assim fadados não m'os contem mui a miudo, porque desafiam a minha incredulidade, e põem em durissima prova este grãosinho de scepticismo que a Providencia aprouve de mesclar-me n'alma a uma dose nada homœpathica de sensibilidade, e de enthusiasmo.

O amor está desenhado, nas suas altas e baixas, n'aquelles bellissimos versos de Voltaire, em que elle pedia a *madame* de... (*), já com elle descaida

(*) A Marquesa Du Châtelet (1706-1749), célebre escritora e poliglota, mui afeiçoada a Voltaire, a quem deu acolhida, durante dez anos, no seu famoso castelo de Cirey.

A. V.

de graças, já com elle invadida pelo gelo dos annos, e das desillusões, que operasse um milagre impossivel em honra do amor:

Si vous voulez que j'aime encore,
Rendez-moi l'âge des amours.

Nada, como o amor, se identifica mais com o ambiente em que nasceu; em nenhum outro affecto se reflectem mais vivas e indeleveis as côres que tingem a natureza, que prenda aos primeiros enlaces do coração. Passam-se annos depois do primeiro sorriso, da primeira declaração furtiva, do primeiro colloquio de amantes; e já os amores não são aquelles que nos encheram a alma, e, com um impulso magico, nos arremessaram ao goso ideal e supremo, e nos arrebataram quasi ás fronteiras do infinito e do incomprehensivel. Os perso-

nagens são os mesmos; o panno póde de novo subir, e o drama singelo, mas formoso de uns amores castos e ferventes recomeçar, e inundar-nos a alma de sentimento e de paixão. Mas vêde! A natureza está mudada. Onde está aquella mulher, que nos appareceu como a virgem dos nossos sonhos, convidando-nos com um rosto melancolico, e com um sorriso de anjo, ao consorcio phantastico de duas almas? Onde está aquella natureza que testemunhou os nossos dialogos? Onde as folhas que o vento meneava, sussurrando, como um tangedor ameno em noite de nupcias? Onde o murmurio das ondas placidas do mar, onde nos debruçavamos a mirar? Onde a lua, aquella lua tão nossa, que a tinhamos por expressamente creada para servir de pallido e formoso candelabro das nossas festas silenciosas? Onde

aquelle baile, onde pela primeira vez vimos á luz matutina mesclada ao clarão dos lustres, a pallidez d'essa donzella que nós cremos achar como o termo do nosso destino, e o fim da nossa vinda ao mundo? Onde? Onde?

A mulher ali está. Mas é o seu rosto aquelle rosto, que nós desesperavamos de inda comparar, no orgulho do nosso primeiro amor? A sua voz é a mesma que nos fez vibrar a corda mais melodiosa do sentimento? Não. Aquella mulher é como um mundo conhecido, cujos encantos a sciencia descortinou, e malbaratou pela vulgaridade. Aquella mulher não é já solitaria no mundo para nós; não é uma creação poetica reflectida, como por encanto, nas fórmas reaes da especie humana. Não. É uma mulher entre mil. Não é uma phantasia, de que não ha imitação. É um typo

vulgar, de que ha mil copias, que lhe rebaixam o preço, e a confundem na indifferença.

Geralmente não é o individuo que entra nos calculos do amor. A linguagem dos amores está radicalmente falseada. Quando Petrarca geme soluçoso na mais bem temperada lyra dos tempos modernos, não é a Laura que elle celebra. A Laura que elle ama não está na terra: o poeta creou-a, afeiçoou-a e amoldou-a no seu sentimento, e soprou-lhe a vida e animação com o bafejo omnipotente da poesia. Essa Laura que vem suspirar á sombra dos freixos de Vaucluse, e mirar-se no crystal das suas aguas, e embalsamar o ar com os seus anhelitos, desprendidos em correntes, essa Laura é apenas o reflexo pallido, o contorno vago e imperfeito d'aquella que o lyrico sonhou nos

dias da sua maior febre intellectual. Por isso o poeta ganha em viver longe do termo do seu amor. Por isso o poeta gosa com o soffrer de uma ausencia perpetua. Por isso os seus accordes se vão sempre atraz de uma ventura que foge, mentirosa como um sonho eburneo. A Laura viva e real é apenas a moldura grosseira de um quadro vaporoso, cujo segredo de visão o poeta creador concedeu apenas ao poeta apaixonado.

Mude ámanhan o clima intellectual e moral do amante; tirem-lhe os vidros magicos com que elle via o mundo externo; e eil-o a cercear continuamente a belleza do seu modêlo; eil-o a despegar uma a uma todas as plumagens postiças com que adornou a nudez do seu prototypo. E no fim, perguntae-lhe se ama ainda. O seu amor já não terá assumpto na terra, porque não se ama

um esqueleto, nem o coração, quando sente deveras, acha pasto em amores, que teem a sua refutação sempre a seu lado, nem se entrega a expansões ideaes, que teem sempre ponteira e ameaçadora a desillusão.

Por que razão as primas-donnas formosas teem o sceptro da conquista, e ainda o conservam, em despeito da sua belleza duvidosa?

Por que razão as herdeiras ricas de mediana gentileza apparecem, como que cercadas de uma auréola ineffavel, que faz bater os corações com força mais que habitual?

Porque é que as mulheres, que teem o baptismo da moda, parecem mais encantadoras que as que escondem ás vezes uma formosura sem par no recato obscuro de uma vida burgueza e simples?

Porque é que a belleza brilha e seduz com mais esplendor, quando se recosta a uma arvore patricia de costado, e pede a tres gerações de avoengos illustres um documento com que auctorisa os seus encantos?

Ha poucos Lamartines que saibam colorir de poesia o rosto singelo, e o riso ingenuo das *Graziellas*. Ha muitos Voltaires que beatifiquem os encantos das corrompidas Châtelets.

Porque é que o amor tem mais poesia viajando nos coxins adamascados de um coche sumptuoso, recostando-se nos velludos das ottomanas, ceando em baixellas de Sèvres, trajando gala de côrte, e folgando entre os mil luzeiros de um baile aristocratico, do que apanhando conchinhas na praia, segredando na relva, saboreando os manjares agrestes do campo, vestindo-se de saial, ou doi-

dejando ao tanger monotono de uma *espadella* campesina?

É que ha no amor um elemento de convenção e de moda. Ha a parte do capricho, a parte do egoismo, o quinhão do calculo, da illusão, do tempo, e até do acaso. Figurae-vos que estes credores famintos e inexoraveis accorrem a um tempo, como portadores de lettras suspeitas, ao escriptorio de um mercador desprevenido. Adeus amor. É a bancarrota geral, a ruina inevitavel.

NOTAS FINAIS

Pág. 48, lin. 11: «... novellista ou *stoltzista*...», ou, melhor: «... *novellista* ou *stoltzista*...»

Não será, porventura, ocioso esclarecer aqui o significado dêstes dois termos, criados por Latino.

Novellistas eram, segundo êle, os admiradores ou parciais da sr.ª Novello; *stoltzistas* os da sr.ª Stoltz — duas célebres cantoras, que, por 1851, faziam as delícias dos freqüentadores do nosso teatro lírico, e compartiam fartamente os seus aplausos e elogios.

O próprio Latino era *novellista* fervoroso e confesso.

Pág. 81, lin. 9-10: «... dividiu-se em *cadernetas*, voluminho portatil...»

Assim se lê na *Revista Popular*. É evidentemente um lapso de pena ou de revisão, que

Latino não deixaria escapar numa reimpressão cuidada, corrigindo-o, sem dúvida, desta maneira:

«... dividiu-se em *cadernetas*, voluminhos portateis...»

Um gramático de polpa explicaria, porêm, aquela falta de concordância por uma *elipse*. Pobre gramática! ¡quantas vezes te obrigam a absolver as inadvertências dos autores, ou as distracções involuntárias dos tipógrafos!

Pág. 140, lin. 20-21: «... atalharia aqui já o nosso amigo J. H....»

J. H. são as iniciais de José Horta, —José Maria da Ponte e Horta, o sábio professor, colega de Latino na Escola Politécnica e seu consócio na Academia das Sciências.

Veja: *A Semana*, vol. II, pág. 72 e 73.

A. V.

ÍNDICE

Pág.

Prefácio do Dr. Júlio Dantas 5

TYPOS NACIONAES

O Gaiato 21
O Janota 37
A «Coquette» 61
O Editor de cadernetas 77
O Novelleiro politico 95
O Distribuidor 105
Rendeiras de Peniche 121
O Poeta de albuns 163
O Pretendente 173
O Deputado 187
O Orador 203
O Carteiro 209
Grammaticus lusitanus — O folhetinista pedante 215

APPENDICE

A Semana sancta (Chronica religiosa) . . . 231
O Agio do amor 253

NOTAS FINAIS 267

BIBLIOTECA NACIONAL